

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Linha de pesquisa: Processos de Saúde e Doença em Contextos Institucionais

CYBERBULLYING EM ADOLESCENTES BRASILEIROS

Guilherme Welter Wendt

Mestrando

Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

Orientadora

São Leopoldo, Dezembro de 2012

CYBERBULLYING EM ADOLESCENTES BRASILEIROS

GUILHERME WELTER WENDT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa

São Leopoldo, Dezembro de 2012

Ficha catalográfica

W473c Wendt, Guilherme Welter
Cyberbullying em adolescentes brasileiros / por Guilherme
Welter Wendt. – 2012.
92 f. : il., 30cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Carolina Saraiva de Macedo Lisboa.

1. Adolescência – Psicologia. 2. *Bullying*. 3. *Cyberbullying*.
4. Depressão. I. Título.

CDU 159.922.8

Catálogo na Fonte:
Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

CYBERBULLYING EM ADOLESCENTES BRASILEIROS

Elaborada por

Guilherme Welter Wendt

Comissão Examinadora

Dr^a. Ana Maria Faraco de Oliveira (UFSC)

Dr. Christian Haag Kristensen (PUC-RS)

Dr^a. Silvia Pereira da Cruz Benetti (UNISINOS)

Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa (UNISINOS)

Orientadora

São Leopoldo, Dezembro de 2012

Esse trabalho é inteiramente dedicado aos meus pais, que sempre forneceram especial incentivo ao que mais gosto de fazer: aprender.

Minha mãe, Tereza Welter Wendt, junto de meu pai,

Guido Aloysio Wendt (*in memoriam*),

com muito sacrifício, não mediram esforços para que este e futuros estudos pudessem ser concretizados na minha vida.

*“Há sonhos que devem permanecer nas gavetas,
nos cofres, trancados até o nosso fim.
E por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira”*

Hilda Hilst

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de um trabalho conjunto de intensas e esforçadas pessoas que, no dia a dia das atividades do grupo de pesquisa, problematizaram e cooperaram para que se tornasse possível a condução dos estudos que seguem. Assim, impossível não citar, primeiramente, a valiosa contribuição de minha orientadora, Dr^a. Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, que amavelmente me acolheu e serviu como estímulo em diversos momentos. Foi através de seu perspicaz conhecimento que descobri as nuances que perpassam o estudo sistemático das relações entre pares e, em especial, do comportamento agressivo em crianças e adolescentes.

Em nome dela, agradeço também a todos os amigos e integrantes do grupo de pesquisa, e, especialmente, aos bolsistas de iniciação científica Débora Martins de Campos, pelo seu brilhantismo, dedicação inabalável e competência indiscutível; Taynah Prestes Iarto e Cristian Schwartz, que, para além das boas risadas e ideias compartilhadas, foram fundamentais na coleta, tabulação e análise crítica dos dados que serão apresentados a seguir; Jéssica de Conti e Gibson Weydmann que, embora tenham integrado o estudo em sua etapa final, dedicaram-se com entusiasmo, curiosidade e energia. E, ainda, aos colegas do curso de mestrado em Psicologia Clínica, Tatiane de Oliveira Dias, pelos sorrisos diários e sempre alegre convivência, Edilson Pastore, por servir de modelo de integridade e compromisso ético, Renata Klein, cintilante e sincera amiga, Silvana Magayevski, pela energia positiva e torcida constante.

Às escolas, devo também agradecimentos pela colaboração incansável durante a exaustiva etapa de coleta dos dados, uma vez que tiveram de mobilizar seu corpo docente, ceder horários preciosos de aprendizagem para receber nossa equipe de pesquisa, inúmeras vezes, para o debate e reajustes necessários; aos pais/responsáveis, agradeço pela autorização de seus filhos para a participação nessa investigação. Além disso, sou igualmente grato aos adolescentes, que dedicaram tempo e empenho no fornecimento de suas respostas para que pudéssemos avançar no conhecimento científico sobre a temática em análise na presente dissertação.

Devo ainda mencionar a inestimável gratidão ao corpo de docentes e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

(UNISINOS). Durante o período de concepção, maturação e desenvolvimento do projeto, as opiniões e sugestões recebidas, as ideias trocadas tanto em sala de aula como nos corredores e cafés da universidade foram de grande valia. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à *International Society for the Study of Behavioural Development* (ISSBD) devo também agradecimentos. Essas duas instituições, juntas, foram fundamentais para a conclusão desse estudo.

SUMÁRIO

1.	Apresentação.....	16
2.	Seção 1 - Artigo teórico “Compreendendo o fenômeno do <i>cyberbullying</i>”	18
	2.1 Introdução.....	20
	2.2 <i>Cyberbullying</i> - definições e estudos.....	23
	2.3 Prevalência do <i>Cyberbullying</i>	26
	2.4 <i>Cyberbullying</i> : impactos, fatores de risco e de proteção.....	30
	2.5 Considerações finais.....	32
	2.6 Referências.....	36
3.	Seção 2 - Artigo empírico “<i>Cyberbullying</i> entre adolescentes: prevalência, diferenças de gênero e relações com sintomas de depressão”.....	43
	3.1 Introdução.....	46
	3.2 Método.....	50
	3.2.1 Delineamento.....	50
	3.2.2 Amostra.....	50
	3.2.3 Instrumentos.....	50
	3.2.4 Procedimentos.....	53
	3.3 Resultados.....	55
	3.3.1 Prevalência do <i>cyberbullying</i> e associações com variáveis do estudo.....	57
	3.3.2 Preditores do <i>cyberbullying</i>	61
	3.4 Discussão.....	63
	3.5 Referências.....	68
4.	Considerações finais da dissertação.....	74
	4.1 Referências.....	77
	Anexos.....	78
	Anexo A - Questionário biossociodemográfico.....	79
	Anexo B - <i>Revised Cyberbullying Inventory</i>	82
	Anexo C - Inventário de <i>Cyberbullying</i> Revisado (Português).....	84

Anexo D - Inventário de Depressão Infantil.....	86
Anexo E - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	90
Anexo F - Carta de Anuência.....	91
Anexo G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	92

LISTA DE TABELAS

Artigo teórico

Tabela 1 - Critérios utilizados para definição de *bullying* x *cyberbullying*.....25

Tabela 2 - Estudos de prevalência do *cyberbullying* em distintos países.....27

Artigo empírico

Tabela 1 - Papéis relativos ao envolvimento com *cyberbullying*.....59

Tabela 2 - Correlações entre as variáveis do estudo.....60

Tabela 3 - Preditores do *cyberbullying*.....61

LISTA DE SIGLAS

ANOVA - Análise de Variância

APA - *American Psychiatric Association*

APA - *American Psychological Association*

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDI - Inventário de Depressão Infantil

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DSM-IV-TR - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

ISSBD - *International Society for the Study of Behavioural Development*

OR - *Odds Ratio*

PEPSIC - Periódicos Eletrônicos em Psicologia

RCBI - Inventário de *Cyberbullying* Revisado

SCIELO - *Scientific Electronic Library Online*

SMS - *Short Message Service*

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

TIC's - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO

O *cyberbullying* é entendido como uma forma de comportamento agressivo que ocorre através dos meios eletrônicos de interação (computadores, celulares, sites de relacionamento virtual), sendo realizado de maneira intencional por uma pessoa ou grupo contra alguém em situação desigual de poder e, ainda, com dificuldade em se defender. Os estudos disponíveis até o presente momento destacam que o *cyberbullying* é um fator de risco para o desenvolvimento de sintomas de ansiedade, depressão, ideação suicida, abuso de substâncias psicoativas, dentre outras situações potencialmente danosas ao desenvolvimento. Todavia, pouca atenção tem sido dada em relação ao fenômeno no Brasil e na América Latina. Assim, o objetivo dessa dissertação foi investigar o *cyberbullying*, através de dois estudos distintos, sendo um de natureza teórica e outro empírico. O estudo teórico, apresentado na seção 1, traz dados sobre a prevalência do fenômeno em distintos países, além de discutir as consequências e aspectos conceituais que diferenciam o *bullying* do *cyberbullying*. Do mesmo modo, fatores de risco e de proteção em relação ao *cyberbullying* são tratados e estudos atuais sobre o tema são amplamente revisados e discutidos. Já a investigação empírica, que compõe a seção 2, foi realizada com adolescentes com idades variando entre 13 a 17 anos ($N=367$), provenientes de escolas públicas e privadas da região metropolitana de Porto Alegre, RS. O objetivo principal foi de analisar a prevalência do *cyberbullying* e suas relações com sintomatologia depressiva, verificando possíveis diferenças entre meninos e meninas e as diferenças em relação a faixa etária dos participantes. Um percentual elevado de adolescentes referiu estar envolvido com o processo (72,7% com *cyber* agressão e 75,6% com *cyber* vitimização), não havendo diferença significativa entre meninos e meninas. Associações positivas e significativas entre o envolvimento com *cyberbullying* com a idade dos participantes, o tempo gasto na internet e sintomas de depressão foram identificadas. Constatou-se também que os adolescentes caracterizados como vítimas-agressores do processo de *cyberbullying* apresentaram níveis mais elevados de depressão quando comparados aos estudantes não envolvidos com o fenômeno. Dados sociodemográficos e relacionados à interação dos adolescentes com as ferramentas tecnológicas e virtuais são descritos e discutidos. Foi possível verificar que o *cyberbullying* é um fenômeno de extrema relevância e que ainda necessita ser largamente estudado no contexto brasileiro. Estudos apontam o quanto este processo pode ser fator de risco para o desenvolvimento de jovens e ressaltam a importância de pesquisas que subsidiem intervenções. Dados do estudo empírico corroboram achados da literatura, assim como

apontam para diferenças culturais no que tange a este fenômeno. Também se apresentam, ao final dessa investigação, sugestões para estudos futuros, bem como são ressaltadas as limitações da mesma.

Palavras-chave: adolescência, *bullying*, *cyberbullying*, depressão.

Área conforme classificação do CNPq: 7.07.00.00-1 (Psicologia).

Subárea conforme classificação do CNPq: 7.07.07.00-6 (Psicologia do Desenvolvimento Humano).

ABSTRACT

Cyberbullying is understood as an intentional subtype of aggressive behavior that occurs through interactive electronic media (computers, mobile phones, social network sites), held by one or more persons against other in an unequal power relationship, where the victims often can't defend her or himself. Recent studies points that *cyberbullying* is a risk factor for anxiety symptoms, depression, suicide ideation, substance abuse, among other risky development situations. Therefore, little attention has been given to this phenomenon in Brazil and Latin America. In this sense, this thesis's aim was to investigate the *cyberbullying*, through two different studies, a theoretical and an empirical study. The theoretical study, described in section 1, brings evidences about the phenomenon prevalence in different countries, besides discussing consequences and conceptual aspects that differ *bullying* from *cyberbullying*. As well as, risk and protection factors related to *cyberbullying* are treated and actual studies about this topic are deeply revised and discussed. The empirical investigation, in section 2, was held with adolescents aged from 13 to 17 years-old ($N=367$), from Public and Private schools from Porto Alegre area, South Brazil. The main objective was to analyze *cyberbullying* prevalence and its relation with depression symptoms, verifying possible differences between boys and girls and between participants' age differences. A high percent of adolescents referred to be involved in *cyberbullying* (72.7% *cyber* aggression and 75.6% in *cyber* victimization), and no gender differences were found. Significant and positive associations between *cyberbullying* participants' age, time spent in internet and depression were identified. Adolescents who were victims and/or aggressors in *cyberbullying* showed higher levels of depression compared to *cyberbullying* uninvolved youth. Sociodemographic data related to adolescents' interaction with technological and virtual tools are also described and discussed. It was possible to verify that *cyberbullying* is extremely relevant phenomenon that still needs to be largely studied in Brazilian context. Studies point to how much this process can represent a risk factor to youth development and emphasize the importance of researches that may support interventions. Data from the empirical study confirmed evidences found in literature, as well as showed cultural differences related to this process. Also is presented, at the end of this investigation, suggestions for future studies, as well as the study limitations.

Keywords: *adolescence, bullying, cyberbullying, depression.*

1. Apresentação

A presente dissertação está inserida na linha de pesquisa “Processos de Saúde e Doença em Contextos Institucionais”, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Em especial, situa-se no grupo de pesquisa coordenado pela professora Dr^a Carolina Saraiva de Macedo Lisboa, que tem se dedicado ao estudo da agressividade, em especial do fenômeno *bullying* em profundidade, e demais fenômenos correlatos às relações entre pares e sócio-cognições desde seus estudos de doutoramento. Assim, o presente trabalho tem, como objetivo principal, investigar o fenômeno do *cyberbullying*, um tipo específico de *bullying*, identificando sua prevalência, características e relações existentes com sintomas de depressão em adolescentes. Além disso, buscou-se comparar os resultados em relação ao sexo e também com relação à faixa etária dos participantes. O fenômeno é contemporâneo e associado às alterações observadas no campo das tecnologias de informação e comunicação (TIC's), sendo descrito como uma nova forma de *bullying* ou de agressão entre iguais.

O tema dos comportamentos e ações agressivas entre pares, como o processo de *bullying*, tem sido amplamente investigado na área da Psicologia. A partir de diversas investigações longitudinais, se conhece os significativos impactos negativos do *bullying* no curso desenvolvimental de crianças e adolescentes. Todavia, em relação ao *cyberbullying* ou o *bullying* virtual, ainda existem inúmeros fatores a serem estudados e compreendidos. Dessa maneira, considerando o exposto, inicialmente é apresentado o estudo teórico, que compõe a seção 1 da presente dissertação. Neste artigo de revisão não-sistemática intitulado “Compreendendo o fenômeno do *cyberbullying*” são debatidos em profundidade os conceitos relativos ao objeto de investigação, bem como são apontados e discutidos estudos e achados da literatura nacional e internacional que apresentam e discutem os possíveis fatores de risco e proteção envolvidos no processo de *cyberbullying*. Optou-se por uma revisão teórica não-sistemática por tratar-se de uma temática emergente e, assim, a compilação de estudos indexados em bases nacionais e internacionais resulta em um número restrito de artigos¹ (a)

¹ Por exemplo, utilizando os descritores “*cyberbullying*” e “*risk factors*” foi possível recuperar apenas 13 estudos, sendo que, destes resultados, observa-se a ausência de investigações realizadas por grande parte dos pesquisadores de referência no tema. Do mesmo modo, os dados que estes 13 estudos apresentam não abordam, em sua maioria, informações como prevalência, discussões conceituais que fazem menção à distinção em relação ao *bullying*, etc.

e, ainda, por se tratar de um fenômeno atual e novo, apresenta implicações conceituais qualitativamente distintas quando comparado ao processo de *bullying* escolar ou “tradicional”, que merecem ser analisadas com profundidade (b).

Na seção 2, é apresentado o artigo empírico, cujo título é “*Cyberbullying* entre adolescentes: prevalência, diferenças de gênero e relações com sintomas de depressão”. A investigação, de natureza quantitativa e transversal, explora a frequência com a qual os participantes envolveram-se com o fenômeno, tanto na forma de perpetradores como no papel de vítimas. E, além disto, são analisadas também as relações entre o *cyberbullying* com sintomas de depressão, bem como são investigadas diferenças entre os sexos e faixa etária dos participantes.

Finalmente, nas considerações finais da dissertação, os subsídios teóricos são discutidos em conjunto com os achados da investigação empírica. Do mesmo modo, são apontadas as limitações da pesquisa, bem como direções para estudos futuros.

2. Seção 1 - Artigo teórico “Compreendendo o fenômeno do *cyberbullying*”

Compreendendo o fenômeno do *cyberbullying*

Guilherme Welter Wendt e Carolina Saraiva de Macedo Lisboa ¹

Resumo: O subtipo específico de violência denominado de *bullying* constitui-se em um problema sério e recorrente nas instituições escolares atualmente, trazendo consequências negativas para o processo de desenvolvimento humano em curto, médio e longo prazo. Considerada uma questão de saúde pública, esta e outras formas de agressividade entre pares vêm atraindo significativa atenção por parte da mídia, dos pais, professores, cientistas e também dos responsáveis pela elaboração de políticas públicas. Entretanto, em um mundo “digital”, o advento das novas tecnologias da informação e comunicação acaba também impulsionando a emergência de um novo tipo de *bullying*, que se situa no ciberespaço e se apoia nas ferramentas tecnológicas de interação, denominado *cyberbullying*. Assim, o presente artigo objetiva analisar e discutir os aspectos que tangenciam a ocorrência dessa forma eletrônica de comportamento agressivo e intencional, com o foco em questões conceituais que o diferenciam do *bullying* tradicional. Para tal, serão apresentados e discutidos estudos sobre prevalência, características e consequências do *cyberbullying* selecionados nas seguintes bases de dados: *Pepsic*, *Science Direct*, *BVS*, *PsychInfo*, *Scielo* e *PubMed*. Tratou-se de uma revisão não-sistemática da literatura internacional e nacional sobre *cyberbullying* que permitiu uma reflexão acerca desse tipo de violência e possíveis caminhos para uma melhor compreensão de estratégias para o manejo das situações de *cyberbullying* na atualidade. A importância de pesquisas sobre esta temática no Brasil e América Latina é reforçada no sentido de aprofundar-se a compreensão e gerar subsídios para o desenvolvimento de intervenções focais e preventivas.

Palavras-chave: *cyberbullying*, agressividade, adolescência, tecnologias de informação e comunicação.

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Abstract: The subtype of violence behavior named as *bullying* is a serious problem recurrent in schools nowadays, bringing negative short, medium and long term consequences to development process. Considered as a public health issue, this and other forms of peer aggression are attracting media, parents, teachers and scientists attention as well as attention from responsible for public policies. Therefore, in a digital world, the new information and communication technologies allow a new kind of *bullying* to take place, a violence that situates in cyberspace and is supported by interactive technological tools, called *cyberbullying*. In this sense, the present paper aims to analyze and discuss aspects that are related to this electronic, intentional aggressive behavior, focusing in conceptual differences from *bullying*. To that, studies selected from Pepsic, Science Direct, BVS, PsychInfo, Scielo and PubMed about prevalence, characteristics and *cyberbullying* consequences are presented and discussed. The result was an unsystematic international and national literature revision toward *cyberbullying* that allowed an adequate reflection about this kind of violence and possible ways to a better comprehension and effective strategies to deal with *cyberbullying* nowadays. The importance of the researches about this topic in Brazil and Latin America is reinforced to provide a broader understanding about this process and to generate data that support the development of focus and preventive interventions.

Keywords: *cyberbullying, aggression, adolescence, information communication technologies.*

2.1 Introdução

A agressividade humana pode ser definida como um comportamento que é motivado e que tem por objetivo causar algum tipo de sofrimento a outro indivíduo ou grupo (Anderson & Bushman, 2002). Os atos de agressividade, inseridos em contexto cultural específico, repercutem negativamente nas mais distintas esferas da sociedade (família, trabalho, lazer, educação, etc). Nos últimos anos, a comunidade científica tem concentrado esforços para o entendimento mais aprofundado das diferentes manifestações da agressividade e de seus impactos na vida das pessoas (DeWall, Anderson, & Bushman, 2011; Little, Henrich, Jones, & Hawley, 2003).

Quando se considera especificamente as crianças e os adolescentes, observa-se que a agressão pode resultar em consequências ainda mais graves. Ou seja, para além do impacto psicológico imediato da agressividade - considerando-se que no caso dos jovens pode não existir, ainda, maturidade suficiente para adequado manejo - os jovens podem interiorizar a noção de que somente através do uso da agressividade é que se torna possível a resolução de conflitos (Garaigordobil, 2011). De acordo com essa perspectiva de compreensão, a vivência de agressividade pode gerar comportamentos e crenças específicas acerca das relações interpessoais. Assim, indivíduos que agredem ou são agredidos podem aprender que esta é a forma de reagir em situações de estresse ou como um meio para atingir seus objetivos (Dodge, Bates, & Pettit, 1990).

O *bullying*, palavra de origem estrangeira e sem tradução específica para a língua portuguesa, refere-se a um processo que pode ser circunscrito dentro do rol de comportamentos entendidos como agressivos ou violentos (Hong & Espelage, 2012). Em geral, o uso do termo no contexto brasileiro alude a comportamentos de intimidação, violência e humilhação, embora o processo não se restrinja somente a essas ações (Wendt, Campos, & Lisboa, 2010). Em termos conceituais, entende-se que o processo de *bullying* ocorre na medida em que uma pessoa ou um grupo busca, sistematicamente, excluir, intimidar, molestar ou maltratar outra pessoa ou mesmo um grupo de pessoas, levando a exclusão social (Olweus, 1993).

Cabe mencionar também que se observa um demarcado desequilíbrio de poder nos casos de *bullying*, em que a vítima se encontra em uma situação com escassos ou nenhum

recurso de defesa, além do caráter sistemático de agressão (Lisboa, Braga, & Ebert, 2009). Além disso, o *bullying* pode ocorrer tanto de modo direto, através de atos envolvendo agressões físicas e ataques verbais, ou ainda de modo indireto e relacional, como nas situações de isolamento, chantagem, ameaças, difusão de rumores e fofocas, furtos, entre outros (Rigby, 2004).

Em relação à sua ocorrência, sabe-se que o processo de *bullying* é um fenômeno que se manifesta principalmente no contexto escolar, envolvendo crianças e adolescentes, e encontra-se presente em praticamente todas as culturas (Berger & Lisboa, 2009). Do mesmo modo, o *bullying* ocorre no cotidiano tanto de escolas públicas e privadas como também em instituições localizadas no âmbito urbano e rural, sendo, portanto, um desafio recorrente em praticamente qualquer escola (Binsfeld & Lisboa, 2010).

Para a *Kandersteg Declaration Against Bullying in Children and Youth* (2007), o *bullying* é um problema social que viola os direitos humanos básicos. Esta mesma declaração afirma que, em termos globais, cerca de 200 milhões de crianças e adolescentes estão expostas ao fenômeno. No Brasil, conforme a investigação de Malta et al. (2010), os índices apontam que o percentual de vítimas de *bullying* atinge aproximadamente 30% dos alunos regularmente matriculados em escolas de ensino fundamental, sendo resultado de um processo complexo de interações recíprocas entre aspectos individuais e familiares das crianças e adolescentes, do contexto imediato e da sociedade em geral.

Por ser uma situação deletéria à saúde psicológica em curto, médio e longo prazo, tanto para os protagonistas do processo de *bullying* como também para os demais envolvidos, como professores, colegas e pais, o fenômeno tem recebido expressiva atenção por parte de estudiosos do campo da psicologia e também dos profissionais responsáveis pela implementação de políticas públicas de proteção aos direitos fundamentais da infância e adolescência (Binsfeld & Lisboa, 2010; Hansen, Steenberg, Palic, & Elklit, 2012; Smith, Smith, Osborn, & Samara, 2008a). Todavia, alguns pesquisadores vêm destacando um novo tipo de manifestação de agressividade entre pares, conhecido por *cyberbullying* (Law, Shapka, Hymel, Olson, & Waterhouse, 2012; Shariff, 2011; Smith, 2012; Smith et al., 2008b), que apresenta impactos não menos severos que os do *bullying* e que ainda é muito pouco conhecido na sua especificidade (Garaigordobil, 2011; Sourander et al., 2010; Ybarra, Boyd, Korchmaros, & Oppenheim, 2012).

A variedade de investigações já conduzidas sobre a temática situa o *cyberbullying* como um fator de risco significativo para o desenvolvimento subsequente de crianças e adolescentes. Entendido como “um tipo de *bullying* que utiliza a tecnologia” (Shariff, 2011, p. 59), estudos reportam a associação desse tipo de violência com níveis elevados de ansiedade, uso e abuso de psicotrópicos, maior severidade de transtornos emocionais, como a depressão, ideias ou tentativas de suicídio, prejuízos na escola, dentre outros (Hinduja & Patchin, 2010; Patchin & Hinduja; 2010; Ybarra, 2004). Além disso, não somente as vítimas, como também os protagonistas dos atos de *cyberbullying* têm maiores chances de estabelecerem relações permeadas por conflitos, instabilidade e agressão (Shariff, 2011).

Logo, faz-se urgente e necessário uma maior compreensão acerca desse fenômeno para que seja possível o desenho de ações preventivas e interventivas eficazes. Conforme observam Wang, Nansel e Iannotti (2011), as pesquisas sobre o *cyberbullying* ainda encontram-se em uma etapa preliminar. Essa mesma constatação foi feita por Couvillon e Ilieva (2011), que sublinham a necessidade de esforços para o mapeamento dos mecanismos que favorecem o surgimento e a manutenção desse tipo de agressão entre pares.

Nesse sentido, a presente revisão crítica da literatura busca discutir o *cyberbullying* em relação às suas consequências ao desenvolvimento humano, bem como almeja apresentar dados de prevalência do fenômeno, refletindo sobre seu impacto, especificidades em diferentes contextos e possíveis formas de manejo. A revisão crítica que será apresentada assumiu um caráter não-sistemático, uma vez que pretende ampliar a compreensão deste novo tipo de comportamento agressivo entre pares e discutir aspectos que fazem a distinção entre o *bullying* praticado na escola daquele que ocorre no ciberespaço.

Estudos disponíveis nas bases de dados nacionais e internacionais (*Scielo, Pepsic, BVS, PubMed, PsychInfo e ScienceDirect*) foram recuperados através de descritores-alvo variados (*cyberbullying, adolescentes, bullying virtual*, por exemplo, bem como os respectivos equivalentes na língua inglesa e espanhola) e passaram então por uma análise qualitativa seletiva em relação à sua relevância e adequação aos propósitos do presente artigo. Do mesmo modo, buscou-se contato com autores internacionais para a aquisição de materiais não disponíveis em meio eletrônico, como capítulos de livros e artigos não indexados nas bases de dados consultadas. Também foi realizada uma extensa busca por informações complementares a partir das referências dos estudos utilizados.

2.2 *Cyberbullying* - definições e estudos

Diversos são os autores que buscam definir o fenômeno do *cyberbullying* (Agatston, Kowalski, & Limber, 2007; Campbell, 2005; Hinduja & Patchin, 2007, 2008, 2009; Kiriakidis & Kavoura, 2010; Li, 2006; Mishna, Khoury-Kassabri, Gadalla, & Daciuk, 2012; Smith, 2010). Contudo, não há consenso, ainda, em relação aos aspectos teóricos e também conceituais que apreendam o fenômeno em sua complexidade (Langos, 2012). Uma hipótese plausível para a ausência de uma definição precisa do *cyberbullying* diz respeito ao fato de que, na medida em que se observa uma significativa proliferação de novas tecnologias, emergem novos comportamentos e modos de agir diante de tais inovações (Spears, Slee, Owens, & Johnson, 2009).

Em termos gerais, o processo de *cyberbullying* pode ser compreendido como um tipo específico de *bullying* que ocorre através de instrumentos tecnológicos e, sobretudo, telefones celulares e internet (Slonje & Smith, 2008). Para Shariff (2011), é importante contextualizar o fenômeno, ou seja, considerando o tipo de ato realizado (por exemplo, violação de senhas, acesso e roubo de dados pessoais, piadas e comportamentos de humilhação, entre outros) e o meio onde ocorre (sites de redes sociais, *e-mails*, torpedos SMS, entre outros). Tal perspectiva, de acordo com a autora, evita restringir o conceito de *cyberbullying* a uma visão simplista e reducionista, auxiliando também a precisar a etiologia e os respectivos impactos desses comportamentos praticados entre pares no ambiente virtual.

Outra definição amplamente aceita na literatura internacional é a de Hinduja e Patchin (2009). Estes autores descrevem o *cyberbullying* como um processo no qual alguém executa, proativa e repetidamente, atitudes como piadas acerca de uma pessoa em contextos virtuais ou quando um indivíduo “assedia alguém através de *e-mails* ou mensagens de texto ou ainda através de postagem de tópicos sobre assuntos que a vítima não aprecia” (Hinduja & Patchin, 2009, p. 48). A intencionalidade também é uma questão destacada pelos pesquisadores para que determinado comportamento seja caracterizado como *cyberbullying* e não apenas como uma brincadeira aleatória.

O fenômeno consiste em uma relação que presume, pelo menos, dois papéis: vítima e agressor (Ortega et al., 2012). Entretanto, quando um adolescente exerce tanto um papel de agressor como de vítima, pode ser delineado um perfil que o caracteriza como vítima-

agressor. Do mesmo modo como ocorre nas situações de *bullying*, os indivíduos que acompanham - ou assistem - aos episódios de agressão podem ser caracterizados como espectadores e, além disso, aqueles que por ventura se divertem ou mesmo compartilham os episódios podem ser compreendidos como apoiadores ou incentivadores do processo.

Muitos pesquisadores têm apontado aspectos que distinguem a vitimização entre pares que ocorre no contexto “real” (face a face) e o *cyberbullying* (Langos, 2012; Shariff, 2011; Smith, 2010). Nas agressões que ocorrem intramuros da escola, a vítima é capaz de prever em quais situações se encontra em risco potencial (recreio, na ausência de figuras de autoridades, como professores e tutores, entre outros). Porém, quando a agressão ocorre por meios eletrônicos, escapar/evitar torna-se uma tarefa praticamente impossível (Smith, 2010). Isso ocorre uma vez que o agressor pode enviar mensagens para o aparelho celular ou para o *e-mail* da vítima, bem como lhe é possível, a qualquer hora ou momento do dia, postar vídeos e imagens constrangedoras em *blogs*, sites de relacionamento social, entre outros (Menesini et al., 2012).

Além disso, muitas vezes, as pessoas percebem o ciberespaço como impessoal, ou seja, como sendo um espaço no qual as ideias podem ser livremente expostas, ditas e compartilhadas (Li, 2006). Na vida real, porém, a situação difere-se uma vez que o agressor pode limitar suas ações ou repensar cautelosamente antes de agir em função da reação da vítima ou do grupo de pares que presencia os atos agressivos, temendo a retaliação imediata (Shariff, 2011).

Na Tabela 1, apresentada a seguir, encontram-se sumarizados e discutidos os aspectos que distinguem a agressão entre pares por meio eletrônico daquela realizada face a face. Os critérios avaliados são os de agressividade, desequilíbrio de poder, audiência (espectadores), intencionalidade e repetição. A mesma tabela traz, ainda, informações e subsídios que suportam os motivos pelos quais o fenômeno do *cyberbullying* tem sido compreendido por um número cada vez maior de cientistas como uma forma peculiar e sem antecedentes de vitimização entre iguais, impactando severamente a vida de crianças e adolescentes em diversas partes do mundo e de modos cada vez mais diversificados.

Tabela 1

Crítérios utilizados para definição de bullying x cyberbullying

Crítérios	<i>Bullying</i>	<i>Cyberbullying</i>
Agressividade	Pode ser expressa com uso de violência e insultos verbais. A vítima sabe qual é a pessoa ou o grupo que lhe agride fisicamente. São comuns casos extremos, como lutas corporais, ferimentos sérios, entre outros †	Em seu formato eletrônico, o <i>cyberbullying</i> ou <i>bullying</i> virtual não fere a pessoa fisicamente. A agressividade é majoritariamente dirigida a denegrir a imagem da pessoa, espalhar rumores, roubar senhas e <i>nicknames</i> , excluir de um grupo de discussão, entre outros. Os impactos da agressividade atingem, assim, aspectos emocionais e relacionados ao <i>self</i> da vítima ❖
Desequilíbrio de poder	Um dos aspectos centrais do conceito de <i>bullying</i> e que o diferencia de outros comportamentos agressivos é o de que existe um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, sendo que este poder pode ser mantido através de ameaças e agressões físicas, sociais e/ou psicológicas †	Diferentemente do <i>bullying</i> , em que a situação de desequilíbrio de poder decorre em função de distinções como força, persuasão ou <i>status</i> , em sua manifestação eletrônica, o <i>cyberbullying</i> representa uma desvantagem em termos de habilidades tecnológicas (um usuário “mais avançado” pode vitimizar outra pessoa em decorrência de certos conhecimentos específicos). Além disso, o agressor pode recorrer ao anonimato, deixando a vítima sem possibilidades de identificar o autor das agressões e restringindo, assim suas formas de ação para combate desta violência ❖
Audiência	No processo de <i>bullying</i> , é comum que o grupo de pares reforce os atos dos agressores. Além disso, quando o processo ocorre em situações como recreio ou durante as aulas, os colegas presentes compõem a audiência. Esta passa a ser restrita e limitada ao contingente de estudantes que presenciam os atos ♦	No <i>cyberbullying</i> , todavia, a audiência pode ser nula (como nas situações em que o agressor dirige seus atos diretamente à vítima) ou infinita (como na postagem de vídeos, fotos ou outro material em sites e redes sociais) ♦
Intencionalidade	O <i>bullying</i> não se refere a um ato ocasional. O agressor apresenta a intenção de ferir, magoar ou humilhar a vítima †	Do mesmo modo, tal critério aplica-se ao <i>cyberbullying</i> , pois, ao enviar um <i>e-mail</i> ofensivo diretamente ou ainda ao postar uma foto indesejável da vítima em uma rede social constata-se que o ato é proativo, motivado ♦
Repetição	Um dos principais critérios para <i>bullying</i> é de que o fenômeno seja recorrente, sistemático; Há uma permanência, ao longo do tempo, das atitudes agressivas †	No <i>cyberbullying</i> , uma única ação realizada pode ser replicada inúmeras vezes por um número extenso de espectadores, não exigindo que o agressor repita o seu ato ‡ (ex: postar uma foto em um <i>site</i> ou um vídeo no <i>Youtube</i> , uma única vez, pode ser visualizado, salvo em um computador e compartilhado para uma ampla audiência)

Nota. † Conforme Dooley, Pyzalski e Cross (2009), ‡ Conforme Langos (2012), ❖ Conforme Smith et al. (2008a), ♦ Conforme Shariff (2011).

Como se pode observar a partir da Tabela 1, o *cyberbullying* não é uma experiência face a face, ocorrendo sempre por meio da mediação de algum recurso tecnológico. Assim, possibilita ao agressor ficar anônimo, diferentemente da maior parte dos casos típicos de *bullying* (agressões físicas, insultos verbais, chantagem). A opção pelo anonimato pode ser compreendida a partir do chamado efeito da desinibição. Ou seja, as pessoas podem sentir confiança e coragem “diante da possibilidade de serem anônimas, achando que nunca serão surpreendidas (...) e experimentam uma dificuldade maior em conter seus impulsos *online* do que em situações sociais no espaço real” (Palfrey & Gasser, 2011, p. 108).

Ainda em relação aos aspectos semelhantes entre os dois processos, pode-se inferir que o desequilíbrio de poder, a intenção de causar dano ou sofrimento e a repetição se encontram presentes. Todavia, nos atos de *cyberbullying*, o público pode chegar a um número muito mais expressivo de espectadores em comparação com os grupos pequenos que, normalmente, presenciam o *bullying* praticado na escola e/ou em pequenos grupos (Smith, 2010).

2.3 Prevalência do *Cyberbullying*

Quando um novo fenômeno emerge e ocupa grande parte das discussões da agenda científica internacional, um dos primeiros movimentos que se observa é a busca por dados de prevalência. Com o *cyberbullying* não foi diferente. Cientistas de várias partes do mundo têm buscado mensurar a ocorrência dessa forma de vitimização entre pares e, do mesmo modo, compreender as associações entre *cyberbullying* e demais variáveis (Buelga, Cava, & Musitu, 2010; Buelga, & Pons, 2012; Dehue, Bolman, & Völlink, 2008; Di Lorenzo, 2012; Juvonen & Gross, 2008; Li, 2006; Popovic-Citic, Djuric, & Cvetkovic, 2011; Şahin, 2012; Wang et al., 2011; Williams & Guerra, 2007).

Nesse sentido, com o propósito de apresentar um panorama das referidas investigações sobre a prevalência do *cyberbullying*, organizou-se a Tabela 2. Os artigos foram arranjados levando-se em consideração o país no qual foi conduzido o estudo, a amostra, medidas e instrumentos utilizados, dados de prevalência e principais achados.

Tabela 2

Estudos de prevalência do cyberbullying em distintos países

Estudo	Origem	Amostra	Medidas utilizadas	Prevalência e demais achados
Li (2006)	Canadá	264 adolescentes regularmente matriculados nas séries 7 ^a , 8 ^a e 9 ^a . A idade média dos participantes não foi informada.	Um questionário anônimo foi aplicado aos estudantes contendo questões sobre a frequência do uso de internet e também da ocorrência de <i>cyberbullying</i> .	Os resultados mostraram que 34% dos participantes relataram vitimização “tradicional”, e 17% afirmaram terem realizado agressão por meio da internet. A maioria dos estudantes que foram vítimas de <i>cyberbullying</i> ou que conheciam alguma vítima afirmaram não terem informado este fato a nenhum adulto.
Williams & Guerra (2007)	Estados Unidos	3339 adolescentes matriculados nas séries 5 ^a , 8 ^a e 11 ^a . A idade média dos participantes não foi informada.	Os pesquisadores aplicaram questionários com vistas à identificação da prevalência de <i>cyberbullying</i> e também de <i>bullying</i> tradicional. Em ambos os casos, foram efetuadas questões que mensurassem tanto a o envolvimento como perpetrador como também na categoria de vítima.	Apenas 9,4% dos participantes declararam terem cometido atos de <i>cyberbullying</i> . Já um percentual de 70,7% de participantes afirmaram terem praticado <i>bullying</i> verbal. Os pesquisadores descobriram que a percepção de clima escolar, a aprovação moral para os comportamentos agressivos e a percepção de suporte entre o grupo de iguais foram preditores de todas as formas de vitimização experienciadas pelos adolescentes do estudo.
Dehue, Bolman, & Völlink (2008)	Holanda	1211 adolescentes ($M=12,7$, $DP=0,73$).	Um questionário sobre <i>cyberbullying</i> foi respondido pelos adolescentes e outro enviado aos pais. 70% dos adolescentes tiveram as respostas dos pais contabilizadas no estudo.	23% dos participantes relataram vitimização por meio da internet. As formas mais comuns observadas de <i>cyberbullying</i> foram insultos e fofocas. Por outro lado, 16% dos adolescentes declararam terem praticado atos de <i>cyberbullying</i> . Em relação aos pais, constatou-se que 60% declararam o estabelecimento de regras claras sobre a frequência com a qual os filhos poderiam utilizar a internet.

Estudo	Origem	Amostra	Medidas utilizadas	Prevalência e demais achados
Juvenon & Gross (2008)	Estados Unidos	1454 estudantes, com idades entre 12 a 17 anos ($M=15,5$, $DP=1,47$).	Um questionário <i>online</i> e anônimo foi aplicado, contendo questões sobre interação entre pares na internet, via telefones celulares e também sobre a ocorrência de <i>bullying</i> .	72% dos participantes relataram ao menos um episódio de vitimização <i>online</i> nos últimos 12 meses, sendo insultos e mensagens ameaçadoras as formas mais observadas. Além disso, 90% afirmaram que nenhum adulto foi comunicado acerca dos incidentes agressivos realizados através da internet.
Slonje & Smith (2008)	Suécia	360 participantes, com idades variando entre 12 a 20 anos. A idade média foi de 15,3 anos. O desvio-padrão da idade não foi informado no estudo.	Um questionário desenvolvido na Inglaterra foi traduzido para o uso na Suécia, contendo questões sobre distintas formas de vitimização <i>online</i> (ex: por <i>e-mail</i> , celular). Além disso, os participantes foram questionados sobre a percepção de gravidade do <i>cyberbullying</i> comparando com o impacto percebido do <i>bullying</i> tradicional.	5,3% dos participantes relataram terem sido vítimas de <i>cyberbullying</i> , e 10,3% afirmaram terem cometido atos de agressão <i>online</i> . Além disso, observou-se que metade das vítimas de <i>cyberbullying</i> não relatou o fenômeno a ninguém, 35,7% comentaram com um amigo e apenas 8,9% compartilharam a experiência com pais e ou responsáveis.
Topçu, Erdur-Baker, & Çapa-Aydin (2008)	Turquia	183 participantes, com idades entre 14 a 15 anos ($M=14,72$, $DP=0,42$).	Um questionário demográfico foi aplicado, contando com questões sobre hábitos na internet e também sobre o tempo gasto <i>online</i> pelos adolescentes. Além disso, um instrumento específico para mensurar a ocorrência de <i>cyberbullying</i> foi utilizado (<i>Cyberbullying Inventory - CBI</i>), focando na ocorrência do fenômeno nos últimos seis meses.	Em relação à vitimização <i>online</i> , os percentuais mais elevados foram verificados em estudantes de escolas privadas (32,1%). Por outro lado, os percentuais mais elevados de agressão <i>online</i> (expulsar alguém de uma sala de bate-papo) foram verificados em estudantes de escolas públicas (35,2%).
Buelga, Cava, & Mustitu (2010)	Espanha	2101 participantes, com idades entre 11 a 17 anos ($M=13,6$, $DP=1,30$).	Foi adaptado um questionário sobre vitimização entre pares investigando experiências relacionadas à ocorrência de <i>cyberbullying</i> via telefone celular e também através da internet (<i>e-mail</i> , ofensas em redes sociais, entre outros).	24% dos participantes relataram vitimização através de telefones celulares, e aproximadamente um terço (29%) via internet.

Estudo	Origem	Amostra	Medidas utilizadas	Prevalência e demais achados
Sourander et al. (2010)	Finlândia	2215 adolescentes, com idades variando entre 13 a 16 anos ($M=14,4$, $DP=1,1$).	O estudo envolveu investigações tanto sobre experiências com vitimização <i>online</i> nos últimos seis meses como também questões relacionadas a problemas psiquiátricos associados e queixas psicossomáticas.	No estudo, 4,8% dos participantes declararam vitimização <i>online</i> nos últimos seis meses. Todavia, o percentual de participantes que declarou envolvimento enquanto agressor <i>online</i> foi superior: 7,4%. O grupo de vítimas e agressores <i>online</i> foi de 5,4%. Os adolescentes que relataram envolvimento com <i>cyberbullying</i> foram também os mais propensos a apresentarem psicopatologias e, do mesmo modo, queixas somáticas quando comparados ao grupo sem qualquer envolvimento com o fenômeno.
Popovic-Citic, Djuric, & Cvetkovic (2011)	Sérvia	387 participantes, com idades entre 11 a 15 anos ($M=13,2$ anos). O desvio-padrão da idade não foi informado no estudo.	Foi construído um questionário abordando três domínios. Um sobre informações demográficas (idade, sexo, escolaridade, etc), e outro relativo ao uso de internet e telefones celulares e, finalmente, dados sobre experiências com <i>cyberbullying</i> .	10,06% dos participantes relataram terem cometido atos de <i>cyberbullying</i> , e 21,73% afirmaram terem sido vítimas. Em ambos os casos, adolescentes do sexo masculino apresentaram maiores prevalências de envolvimento com <i>cyberbullying</i> .
Mishna et al. (2012)	Canadá	2186 estudantes, com idades entre 10 a 17 anos ($M=13,85$, $DP=1,98$).	Os pesquisadores utilizaram várias medidas com o objetivo de detectar fatores de risco e proteção em relação ao <i>cyberbullying</i> . Assim, além de um instrumento voltado à identificação de comportamentos de <i>cyber</i> agressão e <i>cyber</i> vitimização, questões sobre envolvimento parental em relação ao uso de tecnologia por parte dos participantes e sobre experiências de violência na escola foram incluídas.	23,8% dos participantes declararam vitimização <i>online</i> . Deste grupo, um percentual superior foi verificado nos estudantes do sexo feminino (25,5%), contra 21,7% do sexo masculino. O percentual de estudantes que foram concomitantemente vítimas e perpetradores de <i>cyberbullying</i> representou mais de um quarto da amostra (25,7%).

Observa-se que os estudos descritos na Tabela 2 priorizam o uso de instrumentos de autorrelato e algumas investigações incluíram, ainda, questionários aos pais e ou responsáveis dos adolescentes. Percebe-se ainda que é comum a mensuração do *cyberbullying* considerando a forma de expressão, ou seja, via internet e telefones celulares, bem como comparando este fenômeno e seus impactos as já reportadas consequências associadas com o processo de *bullying*. Essa perspectiva de analisar os diferentes contextos (físico ou virtual), nos quais ocorrem e perpetuam as problemáticas de relacionamento entre pares, encontra respaldo teórico e empírico nos estudos atuais em Psicologia, principalmente envolvendo a Psicologia do Desenvolvimento (Sumter, Baumgartner, Valkenburg, & Peter, 2012), mas sendo relevante também para área da pesquisa em Psicologia Clínica.

No tocante à prevalência, não se identifica um padrão entre os achados. Uma possível explicação para tais diferenças encontradas refere-se ao período de tempo que os autores dos estudos delimitaram para a investigação do *cyberbullying* - último mês, últimos seis meses, último ano, entre outros - e a faixa etária investigada. Outro aspecto que pode justificar resultados díspares diz respeito aos instrumentos utilizados em cada pesquisa, uma vez que medidas mais sensíveis podem detectar com maior acurácia as diferentes formas pelas quais o *cyberbullying* pode ocorrer (Garaigordobil, 2011; Lam & Li, 2013).

2.4 Cyberbullying: impactos, fatores de risco e de proteção

Além de buscar verificar a prevalência do *cyberbullying*, estudos têm focado em questões relacionadas aos impactos e aos fatores de risco e proteção em relação ao fenômeno (Di Lorenzo, 2012; Heim, Brandtzæg, Endestad, Kaare, & Torgersen, 2007; Mishna et al., 2012; Valcke, Bonte, De Wever, & Rots, 2010; Valcke, Schellens, Van Keer, & Gerarts, 2007). Diversas investigações associam o envolvimento no *cyberbullying* com níveis elevados de sintomas de depressão (Baker & Tanrikulu, 2010; Hinduja & Patchin, 2012; Mishna, Mclukie, & Saini, 2009), isolamento social (Şahin, 2012), problemas na esfera educacional (Shariff, 2011), queixas somáticas (Sourander et al., 2010), entre outros.

Di Lorenzo (2012) discute um caso clínico de uma adolescente de 13 anos, vítima de *cyberbullying* via mensagens de texto (torpedos SMS), que apresentava sintomas depressivos

graves, culminando em uma tentativa de suicídio. Além disso, o pesquisador relatou a presença de sintomas relacionados ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático na jovem, que também era vítima de *bullying* na escola. O autor apresenta hipóteses possíveis para a compreensão da vulnerabilidade da vítima, dentre as quais destaca o relativo descaso dos pais em relação ao sofrimento experienciado pela adolescente, além das características individuais apresentadas pela jovem, como timidez significativa e poucas relações de amizade e de baixa qualidade.

Outro fator pertinente para a análise de situações que possivelmente colocam os adolescentes em situação de risco foi destacado por Agatston et al. (2007). Os pesquisadores realizaram estudos de cunho qualitativo, por meio de grupos focais, com o intuito de compreenderem os motivos que sustentam a não comunicação aos pais e ou responsáveis sobre a ocorrência de vitimização *online*. Na visão dos adolescentes, o medo de perder certos privilégios, como o uso de telefones celulares e até mesmo a restrição do acesso à internet, são algumas das principais razões para que silenciem quando algum ato de *cyberbullying* ocorre. Além disso, os estudantes reportaram que não creem que os adultos, incluindo professores e pais, possam lhes ajudar no que tange a esse tipo peculiar de vitimização (Agatston et al., 2007).

Em relação aos fatores protetivos, estudos sugerem que filhos que experenciam adequado controle parental no que se refere ao uso da tecnologia apresentam também menos comportamentos de risco no ambiente virtual (Ayohama, Barnard-Brak, & Talbert, 2011; Fleming, Greentree, Cocotti-Muller, Elias, & Morrison, 2006; Heim et al., 2007; Mesch, 2009). Na medida em que os adolescentes se desenvolvem e adquirem cada vez maior independência com relação aos pais, estes costumam ajustar as práticas de supervisão, permitindo maior liberdade ao adolescente. Nesse sentido, a ênfase e atenção deve ser voltada à qualidade da relação estabelecida entre pais e filhos, bem como à coerência entre as práticas parentais utilizadas e a abertura para o diálogo e negociação (Stattin & Kerr, 2000).

O monitoramento parental, isto é, imposição de limite de tempo ou restrição de acesso a determinado(s) conteúdo(s) foi investigado e comparado ao uso da internet por parte dos filhos no estudo de Lee e Chae (2011). Esses autores encontraram associações significativas entre o tempo gasto na internet e uma diminuição da convivência familiar. Além disso, os autores verificaram que, quando os pais apresentavam práticas como “recomendar um *site* positivo ao filho” ou “navegar junto do filho”, os filhos acabaram gastando mais tempo

envolvidos em atividades educativas *online* e, portanto, menos propensos à experiência do *cyberbullying*.

Conforme ressaltam Hinduja e Patchin (2009, p. 148), “o desenvolvimento de hábitos relacionados ao uso seguro de tecnologia deve ser estimulado desde muito cedo na vida das crianças na atualidade, de modo a garantir a efetiva internalização desses comportamentos”. Nesses casos, cabe ressaltar que a postura dos pais deve ser assertiva, envolvendo diálogo e negociação (Valcke et al., 2010). Ou seja, ao invés de os pais adotarem posturas intrusivas, tais como as referidas por Kowalski, Limber e Agatston (2012), envolvendo a checagem e leitura dos *e-mails* de seus filhos, é preferível a adoção de uma postura próxima, com adequada comunicação. Recomenda-se que sejam estabelecidas regras sobre o uso das TIC's dentro de cada domicílio - consentimentos relativos à importância de reportarem aos pais quando na ocorrência de incidentes graves *online*, reserva de um espaço específico para o debate do uso da internet em casa, na escola e através de telefones celulares, entre outros. Por fim, enfatiza-se que cabe aos pais o fornecimento de instruções precisas sobre como agir caso seu filho envolva-se com *cyberbullying*, bem como é importante que se informe às crianças e adolescentes que não apaguem os registros ou provas dos casos deste processo (Kowalski et al., 2012).

2.5 Considerações finais

Não se pode negar, nos dias atuais, a influência das novas tecnologias da informação e comunicação. Vive-se em um mundo globalizado e virtual. Esse cenário contemporâneo apresenta inúmeras alternativas que se descortinam quando um sujeito é capaz de, *em um único clique*, entrar em contato e interagir com as mais diversas possibilidades de expressão de opiniões, sentimentos e desejos. Assim, já é relativamente consenso que as crianças e adolescentes, hoje, se desenvolvem com uma consciência global, sendo tal movimento impulsionado pelas TIC's. Com efeito, os jovens nascidos em um mundo permeado por estas tecnologias são chamados de *nativos digitais* (Palfrey & Gasser, 2011). A interação dos indivíduos com estas novas tecnologias da informação e comunicação transformou inúmeros aspectos do relacionamento interpessoal e, por consequência, dos processos de representação da identidade, formas de aprendizagem e de relacionamento (Arnett, 2002).

O entendimento sobre as influências do “mundo virtual” no desenvolvimento humano ainda necessita ser aprofundado. Observa-se que o uso e contato com as TIC’s não se restringe ou afeta jovens de uma cultura ou nível socioeconômico específico e tampouco se limita a uma faixa etária - infância, pré-adolescência ou adolescência. Muito se discute também com relação aos riscos e vantagens destes novos recursos. Ou seja, o uso de muitos recursos tecnológicos ao mesmo tempo (*media multitasking*) pode ser benéfico e estimulante aos jovens, mas, por outro lado, pode gerar irritação, baixa produtividade, aumento de ansiedade e problemas atencionais (Uhls et al., 2011). No que se refere aos comportamentos agressivos, como é possível inferir através dos estudos anteriormente descritos, o processo não é diferente e ainda necessita ser mais estudado.

O *cyberbullying* pode ocorrer em paralelo ao processo do *bullying*, razão pela qual diversas nações têm se empenhado na elaboração de políticas focadas especificamente no combate destes dois fenômenos em conjunto (Raskauskas, & Stoltz, 2007; Smith et al., 2008a; Soutter & Mckenzie, 2000). Assim como as diferentes formas de interação interpessoal no contexto virtual, ainda se desconhece todas as características do *cyberbullying*, suas consequências em curto, médio e longo prazo, bem como o impacto nas crenças e comportamentos dos jovens (Olweus, 2012).

A revisão de estudos realizada permite inferir que se trata de um fenômeno que pode acarretar em sérios prejuízos sociais, emocionais e cognitivos aos envolvidos, principalmente pelo seu caráter atemporal e pela magnitude de seu alcance. Uma vítima de *cyberbullying*, em geral, não tem para onde ir e se esquivar dessa violência. O *cyberbullying* constitui “uma realidade da era digital” (Langos, 2012, p. 285) que, de acordo com Smith (2010), é um fenômeno decorrente ou relacionado às diversas transformações que ocorreram no século XXI.

Resultado ou consequência do avanço das TIC’s, o *cyberbullying* é especialmente frequente entre crianças e adolescentes. Isso ocorre porque os nativos digitais (Palfrey & Gasser, 2011) são usuários ávidos e familiarizados com as tecnologias e internet. Entretanto, os mesmos não possuem plenas condições de distinguir entre aquilo que a tecnologia pode representar de positivo do que traduz-se como risco (Li, 2006). As pesquisas sobre *cyberbullying* sugerem que os jovens têm dificuldades de adequadamente dimensionar as reais consequências de seus atos agressivos e é possível pensar que estas dificuldades sejam mais acentuadas e graves que nos casos de *bullying*. Investigações enfatizam o papel do

monitoramento parental, das práticas educativas saudáveis, intervenções clínicas que possam psicoeducar adequadamente com relação ao fenômeno, além de estímulos variados para uma vinculação ajustada entre pais e filhos (Hinduja & Patchin, 2009; Lee & Chae, 2011; Valcke et al., 2010).

Pode não ser novidade que a supervisão e limites dos pais favoreçam o desenvolvimento saudável dos filhos, mas diante desse novo cenário virtual constata-se que os pais necessitam de informações sobre o *cyberbullying* e TIC's de um modo geral. Assim, estes pais estarão mais capacitados para auxiliar, efetivamente, seus filhos na resolução de conflitos e na prevenção de eventos adversos neste cenário que possam impactar e prejudicar o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. Governo e empresas que atuam no ramo de tecnologia compartilham igualmente a responsabilidade em prover ações que garantam segurança ao uso das mais variadas TIC's por parte de populações mais vulneráveis (Palfrey & Gasser, 2011).

No que diz respeito à Psicologia e, em especial à Psicologia Clínica, torna-se importante compreender os fatores de risco e proteção para a ocorrência do *cyberbullying*, assim como crenças e comportamentos relacionados a este novo fenômeno, visando o desenvolvimento de alternativas para a prevenção e intervenção psicológica (Patchin & Hinduja, 2010). É importante salientar que identificar fatores de risco e proteção implica em uma análise aprofundada dos processos de desenvolvimento cognitivo e social dos jovens na atualidade. Investigações enfatizam que o *cyberbullying* pode prejudicar ou mesmo interromper o curso de desenvolvimento normativo dos jovens, como em casos de suicídio relacionados à experiência de vitimização *online* (Hinduja & Patchin, 2010, 2012). Ademais, pesquisas que constatarem a associação entre o *cyberbullying* e níveis elevados de sintomas de depressão e ansiedade reforçam a ideia de que experimentar o fenômeno, tanto como vítima como na qualidade de agressor, pode impactar negativamente o curso desenvolvimental (Baker & Tanrikulu, 2010; Sourander et al., 2010).

Em um futuro próximo, muitos questionamentos ainda surgirão sobre esta temática, pois, na medida em que as TIC's avançam e adentram mais e mais na vida dos indivíduos e nas instituições sociais, novas modalidades de interação, desenvolvimento e, por conseguinte, de agressão entre pares podem surgir. Assim, não se pretende esgotar o assunto, mas o presente estudo teve, primordialmente, a intenção de alertar e debater criticamente para a complexidade do processo de *cyberbullying* na atualidade. Abordagens focadas em investigar

efeitos das tecnologias nos comportamentos dos jovens precisam ser substituídas por abordagens construtivistas e assertivas, que questionem e investiguem sobre os contextos de interação que os jovens vêm optando para si mesmos. Acredita-se que, na medida em que pais, educadores, responsáveis pela elaboração de políticas públicas voltadas para crianças e adolescentes e a sociedade de um modo geral tiverem adequada consciência dos aspectos positivos e negativos do uso das TIC's pelos mais jovens, assim como acerca do *cyberbullying*, atitudes preventivas e intervenções mais eficazes podem ser propostas.

2.6 Referências

- Agatston, P. W., Kowalski, R., & Limber, S. (2007). Students' Perspectives on Cyber Bullying. *Journal of Adolescent Health, 41*(6), S59-S60. doi:10.1016/j.jadohealth.2007.09.003
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human Aggression. *Annual Review of Psychology, 53*(1), 27-51. doi:10.1146/annurev.psych.53.100901.135231
- Ayohama, I., Barnard-Brak, L., & Talbert, T. (2011). Cyberbullying among High School Students: Cluster Analysis of Sex and Age Differences and the Level of Parental Monitoring. *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning, 1*(1), 25-35. doi:10.4018/ijcyberbullyingpl.2011010103
- Arnett, J. J. (2002). The Psychology of Globalization. *American Psychologist, 57*(10), 774-783. doi:10.1037/0003-066X.57.10.774
- Baker, Ö. E., & Tanrikulu, İ. (2010). Psychological consequences of Cyber Bullying experiences among Turkish secondary school children. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 2*(2), 2771-2776. doi:10.1016/j.sbspro.2010.03.413
- Berger, C., & Lisboa, C. (2009). *Violencia escolar: Estudios y posibilidades de intervención en Latinoamérica*. Santiago: Editorial Universitária.
- Binsfeld, A. R., & Lisboa, C. (2010). Bullying: Um estudo sobre papéis sociais, ansiedade e depressão no contexto escolar do Sul do Brasil. *Interpersona, 4*(1), 74-105.
- Buelga, S., & Pons, J. (2012). Agresiones entre Adolescentes a Través del Teléfono Móvil y de Internet. *Psychosocial Intervention, 21*(1), 91-101. doi:10.5093/in2012v21n1a2
- Buelga, S., Cava, M., & Musitu, G. (2010). Cyberbullying: Victimization entre adolescentes a través del teléfono móvil y de Internet. *Psicothema, 22*(4), 784-789.
- Campbell, M. A. (2005). Cyber Bullying: An Old Problem in a New Guise? *Australian Journal of Guidance and Counselling, 15*(1), 68-76. doi:10.1375/ajgc.15.1.68

- Couvillon, M. A., & Ilieva, V. (2011). Recommended Practices: A Review of Schoolwide Preventative Programs and Strategies on Cyberbullying. *Preventing School Failure, 55*(2), 96-101. doi:10.1080/1045988X.2011.539461
- Dehue, F., Bolman, C., & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: Youngsters' Experiences and Parental Perception. *CyberPsychology & Behavior, 11*(2), 217-223. doi:10.1089/cpb.2007.0008
- DeWall, C. N., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2011). The General Aggression Model: Theoretical extensions to Violence. *Psychology of Violence, 1*(3), 245-258. doi:10.1037/a0023842
- Di Lorenzo, M. (2012). New forms of violence among peers: From Bullying to Cyberbullying. *Revista Médica Uruguaya, 28*(1), 48-53.
- Dodge, K. A., Bates, J. E., & Pettit, G. S. (1990). Mechanisms in the Cycle of Violence. *Science, 250*, 1678-1683.
- Dooley, J. J., Pyżalski, J., & Cross, D. (2009). Cyberbullying Versus Face-to-Face Bullying. *Zeitschrift für Psychologie / Journal of Psychology, 217*(4), 182-188. doi:10.1027/0044-3409.217.4.182
- Fleming, M. J., Greentree, S., Cocotti-Muller, D., Elias, K. A., & Morrison, S. (2006). Safety in Cyberspace - Adolescents' Safety and Exposure Online. *Youth and Society, 38*(2), 135-154.
- Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y consecuencias del Cyberbullying: Una revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 11*(2), 233-254.
- Hansen, T. B., Steenberg, L. M., Palic, S., & Elklit, A. (2012). A review of Psychological factors related to Bullying victimization in schools. *Aggression and Violent Behavior, 17*(4), 383-387. doi:10.1016/j.avb.2012.03.008
- Heim, J., Brandtzæg, P. B., Endestad, T., Kaare, B. H., & Torgersen, L. (2007). Children's Usage of Media Technologies and Psychosocial Factors. *New Media & Society, 9*(3), 425-54.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2007). Offline consequences of online victimization: School violence and delinquency. *Journal of School Violence, 6*(3), 89-112. doi:10.1300/J202v06n03_06

- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior, 29*(2), 129-156. doi:10.1080/01639620701457816
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2009). *Bullying Beyond the Schoolyard: Preventing and Responding to Cyberbullying*. Thousand Oaks: Corwin Press.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2010). Bullying, Cyberbullying, and Suicide. *Archives of Suicide Research, 14*(3), 206-221. doi:10.1080/13811118.2010.494133
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2012). Cyberbullying May Exacerbate Problems That Can Lead to Suicide. In L. Gerdes (Ed.), *Cyberbullying* (pp. 52-56). New York: Cengage Learning.
- Hong, J. S., & Espelage, D. L. (2012). A review of research on bullying and peer victimization in school: An ecological system analysis. *Aggression and Violent Behavior, 17*(4), 311-322. doi:10.1016/j.avb.2012.03.003
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the School Grounds? Bullying Experiences in Cyberspace. *Journal of School Health, 78*(9), 496-505. doi:10.1111/j.1746-1561.2008.00335.x
- Kandersteg Declaration Against Bullying in Children and Youth* (2007). Declaração de Kandersteg Anti-Vitimização Entre Crianças e Jovens. Recuperado em 29 de julho de 2012 de <http://www.kanderstegdeclaration.com/storage/Portugiesisch.pdf>
- Kiriakidis, S. P., & Kavoura, A. (2010). Cyberbullying: A review of the literature on harassment through the internet and other electronic means. *Family and Community Health, 33*(2), 82-93. doi:10.1097/FCH.0b013e3181d593e4
- Kowalski, R., Limber, S., & Agatston, P. W. (2012). *Cyberbullying: Bullying in the Digital Age*. Malden: Wiley-Blackwell
- Langos, C. (2012). Cyberbullying: The Challenge to Define. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 15*(6), 285-289. doi:10.1089/cyber.2011.0588
- Lam, L. T., & Li, Y. (2013). The validation of the E-Victimisation Scale (E-VS) and the E-Bullying Scale (E-BS) for adolescents. *Computers in Human Behavior, 29*(1), 3-7. doi:10.1016/j.chb.2012.06.021

- Law, D. M., Shapka, J. D., Hymel, S., Olson, B. F., & Waterhouse, T. (2012). The changing face of bullying: An empirical comparison between Traditional and Internet Bullying and Victimization. *Computers in Human Behavior*, 28(1), 226-232. doi:10.1016/j.chb.2011.09.004
- Lee, S. J., & Chae, Y. G. (2011). Children's Internet Use in a Family Context: Influence on Family Relationships and Parental Mediation. *CyberPsychology & Behavior*, 10(5), 640-644. doi:10.1089/cpb.2007.9975
- Li, Q. (2006). Cyberbullying in Schools: A Research of Gender Differences. *School Psychology International*, 27(2), 157-170. doi:10.1177/0143034306064547
- Lisboa, C., Braga, L., & Ebert, G. (2009). O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção. *Contextos Clínicos*, 2(1), 59-71. doi:10.4013/ctc.2009.21.07
- Little, T. D., Henrich, C. C., Jones, S. M., & Hawley, P. H. (2003). Disentangling the 'whys' from the 'whats' of aggressive behavior. *International Journal of Behavioral Development*, 27, 122-133.
- Malta, D. C., Silva, M., Mello, F. C., Monteiro, R. A., Sardinha, L. M, Crespo, C., et al. (2010). Bullying nas escolas brasileiras: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(2), 3065-3076.
- Menesini, E., Nocentini, A., Palladino, B. E., Frisé, A., Berne, S., Ortega-Ruiz, R., Calmaestra, J., et al. (2012). Cyberbullying Definition Among Adolescents: A Comparison Across Six European Countries. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(9), 455-463. doi:10.1089/cyber.2012.0040
- Mesch, G. S. (2009). Parental mediation, online activities, and Cyberbullying. *CyberPsychology & Behavior*, 12(4), 387-393. doi:10.1089/cpb.2009.0068
- Mishna, F., Khoury-Kassabri, M., Gadalla, T., & Daciuk, J. (2012). Risk factors for involvement in Cyber Bullying: Victims, bullies and bully-victims. *Children and Youth Services Review*, 34(1), 63-70. doi:10.1016/j.childyouth.2011.08.032
- Mishna, F., Mclukie, A., & Saini, M. (2009). Real-World Dangers in an Online Reality: A Qualitative Study Examining Online Relationships and Cyber Abuse. *Social Work Research*, 33, 107-118.

- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. London: Blackwell.
- Olweus, D. (2012). Cyberbullying: An overrated phenomenon? *European Journal of Developmental Psychology*, 9(5), 1-19. doi:10.1080/17405629.2012.682358
- Ortega, R., Elipe, P., Mora-Merchán, J. A., Genta, M. L., Brighi, A., Guarini, A., Smith, P. K., et al. (2012). The Emotional Impact of Bullying and Cyberbullying on Victims: A European Cross-National Study. *Aggressive Behavior*, 38, 342-356. doi:10.1002/ab.21440
- Palfrey, J., & Gasser, U. (2011). *Nascidos na Era Digital: Entendendo a primeira geração de Nativos Digitais*. Porto Alegre: ArtMed.
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2010). Cyberbullying and Self-Esteem. *Journal of School Health*, 80(12), 614-621.
- Popovic-Citic, B., Djuric, S., & Cvetkovic, V. (2011). The prevalence of Cyberbullying among adolescents: A case study of middle schools in Serbia. *School Psychology International*, 32(4), 412-424. doi:10.1177/0143034311401700
- Raskauskas, J., & Stoltz, A. D. (2007). Involvement in Traditional and Electronic Bullying among Adolescents. *Developmental Psychology*, 43(3), 564-575. doi:10.1037/0012-1649.43.3.564
- Rigby, K. (2004). Addressing Bullying in Schools: Theoretical Perspectives and their Implications. *School Psychology International*, 25, 287-300. doi:10.1177/0143034304046902
- Şahin, M. (2012). The relationship between the cyberbullying/cybervictimization and loneliness among adolescents. *Children and Youth Services Review*, 34(4), 834-837. doi:10.1016/j.chilyouth.2012.01.010
- Shariff, S. (2011). *Ciberbullying: questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. Porto Alegre: ArtMed.
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147-154. doi:10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x

- Smith, P. K. (2010). Cyberbullying: The European perspective. In J. Mora-Merchan & T. Jaeger (Eds.), *Cyberbullying: A cross-national comparison* (pp. 7-19). Landau: Verlag Emprische Padagogik.
- Smith, P. K. (2012). Cyberbullying and Cyber Aggression. In S. R. Jimerson, A. B. Nickerson, M. J. Mayer, & M. J. Furlong (Eds.), *Handbook of School Violence and School Safety: International Research and Practice* (pp. 93-103). New York: Routledge.
- Smith, P. K., Smith, C., Osborn, R., & Samara, M. (2008a). A content analysis of school Anti-Bullying policies: Progress and limitations. *Educational Psychology in Practice*, 24(1), 1-12.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008b). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385.
- Sourander, A., Klomek, A. B., Ikonen, M., Lindroos, J., Luntamo, T., Koskelainen, M., et al. (2010). Psychosocial Risk Factors Associated With Cyberbullying Among Adolescents: A Population-Based Study. *Archives of General Psychiatry*, 67(7), 720-728. doi:10.1001/archgenpsychiatry.2010.79
- Spears, B., Slee, P., Owens, L., & Johnson, B. (2009). Behind the Scenes and Screens. *Zeitschrift für Psychologie / Journal of Psychology*, 217(4), 189-196. doi:10.1027/0044-3409.217.4.189
- Stattin, H., & Kerr, M. (2000). Parental monitoring: A reinterpretation. *Child Development*, 71, 1072-85.
- Sumter, S. R., Baumgartner, S. E., Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2012). Developmental Trajectories of Peer Victimization: Off-line and Online Experiences During Adolescence. *Journal of Adolescent Health*, 50(6), 607-613. doi:10.1016/j.jadohealth.2011.10.251

- Topçu, Ç., Erdur-Baker, Ö., & Çapa-Aydin, Y. (2008). Examination of Cyberbullying experiences among Turkish students from different school types. *CyberPsychology & Behavior, 11*(6), 643-648.
- Valcke, M., Bonte, S., De Wever, B., & Rots, I. (2010). Internet Parenting Styles and the Impact on Internet Use of Primary School Children. *Computers & Education, 55*(2), 454-464. doi:10.1016/j.compedu.2010.02.009
- Valcke, M., Schellens, T., Van Keer, H., & Gerarts, M. (2007). Primary school children's safe and unsafe use of the Internet at home and at school: An exploratory study. *Computers in Human Behavior, 23*, 2838-2850.
- Wang, J., Nansel, T. R., & Iannotti, R. J. (2011). Cyber and Traditional Bullying: Differential Association With Depression. *The Journal of Adolescent Health, 48*(4), 415-417.
- Wendt, G. W., Campos, D. M., & Lisboa, C. (2010). Agressão entre pares e vitimização no contexto escolar: Bullying, Cyberbullying e os desafios para a educação contemporânea. *Cadernos de Psicopedagogia, 8*, 41-52.
- Williams, K., & Guerra, N. (2007). Prevalence and predictors of Internet Bullying. *Journal of Adolescent Health, 41*(6), S14-S21.
- Ybarra, M. L. (2004). Linkages between Depressive Symptomatology and Internet harassment among young regular internet users. *CyberPsychology and Behavior, 7*, 247-257.
- Ybarra, M. L., Boyd, D., Korchmaros, J. D., & Oppenheim, J. (2012). Defining and Measuring Cyberbullying Within the Larger Context of Bullying Victimization. *Journal of Adolescent Health, 51*(1), 53-58. doi:10.1016/j.jadohealth.2011.12.031

3. Seção 2 - Artigo empírico “*Cyberbullying* entre adolescentes: prevalência, diferenças de gênero e relações com sintomas de depressão”

***Cyberbullying* entre adolescentes: prevalência, diferenças de gênero e relações com sintomas de depressão**

Guilherme Welter Wendt e Carolina Saraiva de Macedo Lisboa ¹

Resumo: Esse estudo avaliou a prevalência do fenômeno do *cyberbullying* em uma amostra de adolescentes brasileiros, bem como verificou associações com sintomas de depressão e diferenças entre os sexos e faixa etária dos participantes. Trata-se de um estudo quantitativo, correlacional e transversal. Utilizou-se um questionário biossociodemográfico, o Inventário de Depressão Infantil (CDI) e o Inventário de *Cyberbullying* Revisado (RCBI). A amostra foi composta por 367 adolescentes, com idade média de 14,76 anos ($DP=1,40$), variando entre 13 a 17 anos. 55,6% dos participantes eram do sexo feminino e em relação às faixas etárias, 50,4% tinham entre 13 a 15 anos (G1) e 49,6% tinham mais de 15 anos (G2). Nos últimos seis meses, 72,7% e 75,6% dos participantes revelaram ao menos uma ocorrência de *cyber* agressão e *cyber* vitimização, respectivamente. O comportamento mais prevalente em ambas as formas de *cyberbullying* foi fazer piadas em fóruns *online*. Meninos e meninas não apresentaram escores estatisticamente diferentes no RCBI e nas subescalas de *cyber* agressão e *cyber* vitimização; todavia diferenças significativas foram encontradas em relação à faixa etária, mostrando que os estudantes pertencentes ao G2 apresentaram médias significativamente superiores em relação ao escore total do RCBI e ainda na subescala de *cyber* agressão. Correlações positivas e significativas foram encontradas entre o envolvimento com *cyberbullying*, idade, tempo gasto na internet e sintomas de depressão. Adolescentes pertencentes ao subgrupo vítimas-agressores apresentaram médias superiores de depressão quando comparados aos estudantes não envolvidos ou aquelas que pertenciam apenas ao grupo de vítimas ou apenas ao grupo de agressores. Análises de regressão linear apontaram que as variáveis: faixa etária, sexo, tempo gasto na internet e sintomas de depressão explicaram 18,1% da variância do envolvimento com *cyberbullying* e 18,2% para

¹ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

cyber agressão. Já para *cyber* vitimização, os sintomas de depressão e o tempo gasto na internet explicaram 13% da variância. Assim, os resultados mostram uma elevada incidência de *cyberbullying* na população estudada, bem como indicam características deste fenômeno na cultura brasileira. As associações com sintomas depressivos corroboram achados de estudos anteriores e reforçam a necessidade de intervenções clínicas com os jovens envolvidos. Os papéis sociais no *cyberbullying* e as diferenças etárias entre adolescentes parecem ter influência e definir algumas especificidades de manifestação deste processo, o que reforça a necessidade e importância de uma compreensão dinâmica e ecológica. Por fim, foram identificadas variáveis que podem ser preditores para explicar o *cyberbullying* e que são cruciais para o tratamento dos jovens envolvidos.

Palavras-chave: *cyberbullying*, depressão, adolescência, tecnologias de informação e comunicação, internet.

Abstract: The present study evaluated *cyberbullying* prevalence in a Brazilian adolescent's sample, as well as verified associations with depression symptoms gender and age differences. The study had a quantitative, correlation and transversal design. As measures a socio demographic questionnaire, the Children's Depression Inventory (CDI) and the *Cyberbullying* Revised Inventory (RCBI) were used. 367 adolescents, mean age of 14.76 years-old ($DP=1.40$), aged from 13 to 17 years-old attended this study. 55.6% of the participants were girls and 50.4% were 13 to 15 years-old (G1) and 49.6% were older than 15 years-old (G2). In the last six months, 72.7% and 75.6% of the participants referred at least one episode of *cyber* aggression and *cyber* victimization, respectively. The more referred *cyberbullying* behavior considering aggression and victimization was jokes in *online* forums. Boys and girls did not show significant differences in RCBI scores and also at the subscales of *cyber* aggression and *cyber* victimization; therefore significant age differences were found, older students from G2 showed higher scores in RCBI and at the subscale of *cyber* aggression. Positive and significant correlations were found between *cyberbullying* involvement, age, time spent in internet and depression symptoms. Bully-victims adolescents showed higher levels of depression compared to uninvolved youth, *cyber* victims, and *cyber* bullies. Linear regression analysis showed that independent variables as: age, gender, time spent in internet and depression symptoms explained 18.1% of the variance of *cyberbullying* involvement and 18.2% of the variance of *cyber* aggression involvement. Considering *cyber* victimization, depression symptoms and time spent in internet explained 13% of the variance. Results showed a high incidence of *cyberbullying* in the studied population, as well as indicated some characteristics of the phenomenon in Brazilian context. Associations with depression symptoms confirm previous studies and reinforce the need of the development of clinical interventions direct to the involved youth. Social roles in *cyberbullying* and age differences between adolescents seem to influence and define specificities in this process expression, what emphasized the need and importance of a dynamic and ecological comprehension. Lastly, predictors to explain *cyberbullying* were identified and are crucial to treatment of youth involved in *cyberbullying*.

Keywords: *cyberbullying, depression, adolescence, information communication technologies, internet.*

3.1 Introdução

O objetivo do presente artigo foi analisar a prevalência do *cyberbullying* em uma amostra de adolescentes da região sul do Brasil, bem como verificar possíveis associações com sintomas de depressão e diferenças entre meninos e meninas. Do mesmo modo, buscou-se investigar variações na ocorrência do fenômeno entre adolescentes mais jovens, ou seja, aqueles com idades entre 13 a 15 anos, em comparação com os mais velhos, com idades variando de 15 a 17 anos.

O *cyberbullying* é um processo intimamente relacionado ao desenvolvimento e crescimento das modernas tecnologias de informação e comunicação (TIC's). É definido como um ato agressivo e intencional que é realizado por um grupo ou por um indivíduo - *cyber* agressor(es) - por meio da internet e demais ferramentas contra um outro grupo ou indivíduo - *cyber* vítima(s) - em situação de desequilíbrio de poder (Smith et al., 2008). Os perpetradores de *cyberbullying* utilizam uma gama variada de métodos para direcionar agressão às vítimas, 24 horas por dia, durante os sete dias da semana. Geralmente, os atos agressivos ocorrem por meio de telefonemas, envio de torpedos e mensagens instantâneas, postagem de vídeos e imagens digitais ofensivas, ameaças realizadas em salas de bate-papo, comportamentos de perseguição, entre outros inúmeros exemplos (Shariff, 2011). Esses atos frequentemente possuem teor depreciativo, ameaçador ou mesmo preconceituoso (Buelga & Cava, 2010; Cassidy, Jackson, & Brown, 2009). Por ocorrer em um espaço indeterminado e em expansão constante (virtual), tal processo sofre o efeito da amplificação, pois permite uma “generalização mais rápida, provocando, por consequência, maior impacto emocional sobre as vítimas” (Estévez, Villardón, Calvete, Padilla, & Orue, 2010, p. 74).

O fenômeno do *cyberbullying* é compreendido por uma parcela significativa de cientistas enquanto uma nova instância de expressão de sentimentos de ódio, retaliação e preconceito entre pares e que se encontra em expansão nos últimos anos. Através da possibilidade de manter-se anônimo(a), experimentar sentimentos menos empáticos e relativa “segurança”, os comportamentos hostis vêm perpetrando o contexto da virtualidade, o qual torna-se especialmente “confortável” para a expressão da agressividade em adolescentes (Slonje & Smith, 2008). Desse modo, o *cyberbullying* impacta no desenvolvimento psicossocial da criança e do adolescente envolvido, repercutindo tanto nos contextos da escola como da família (Heim, Brandtzæg, Endestad, Kaare, & Torgersen, 2007), chamando,

assim, a atenção da comunidade científica (Arslan, Savaser, Hallett, & Balci, 2012). As investigações sobre a prevalência do fenômeno, realizadas em sua maioria em países desenvolvidos, apresentam dados que variam entre 9,4% (Williams & Guerra, 2007) até os expressivos números de 72% (Juvonen & Gross, 2008) e 85% (*WiredSafety*, 2007). Todavia, a oscilação entre os dados de prevalência aponta para dois aspectos relevantes: a importância da adoção de um conceito unificado para descrever o *cyberbullying* e a carência de um “padrão-ouro para medir a agressão eletrônica” (David-Ferdon & Hertz, 2007, p. s2).

Insultos e ameaças através de mensagens instantâneas foram algumas das formas mais recorrentes de agressão virtual verificadas no estudo de Juvonen e Gross (2008). Os pesquisadores constataram que 66% dos participantes relataram vitimização por *cyberbullying* no ano anterior por meio de insultos, 33% tiveram suas senhas roubadas no mesmo período e 27% foram ameaçados. Além disso, 85% dos adolescentes envolvidos com *cyberbullying* reportaram também vitimização no contexto escolar (*bullying*). Esses achados reforçam a concepção do *cyberbullying* enquanto um fator adicional de vulnerabilidade, muitas vezes complementar à agressão que ocorre nos espaços tradicionais do *bullying*, como durante o recreio, no pátio da instituição ou nas aulas de educação física, entre outros.

Wang, Nansel e Iannotti (2011) comentam que a depressão é uma psicopatologia frequente em vítimas de *bullying*, seja no contexto virtual (*cyberbullying*) ou escolar (físico, verbal e relacional). Os pesquisadores analisaram as respostas de 7313 adolescentes norte-americanos, em um estudo de base populacional. Os resultados apontaram que os adolescentes pertencentes aos grupos dos agressores, vítimas ou vítimas-agressores, de todas as formas de *bullying* (físico, verbal, relacional ou virtual), relataram níveis mais elevados de depressão em comparação com o grupo não envolvido com qualquer forma de agressão. Em uma investigação anterior realizada com adolescentes norte-americanos, verificou-se que a depressão aumentou em três vezes a chance de a pessoa ter se envolvido com algum tipo de vitimização *online* (Ybarra, 2004).

Outras investigações também reforçam a associação entre depressão e *cyberbullying* (Gradinger, Strohmeier, & Spiel, 2009; Hunt, Peters, & Rapee, 2012; Mitchell, Ybarra, & Finkelhor, 2007; Olenik-Shemesh, Heiman, & Eden, 2012; Perren, Dooley, Shaw, & Cross, 2010). Por exemplo, na pesquisa de Mitchell et al. (2007), a ocorrência de sintomas de depressão, conforme os critérios de depressão maior estabelecidos pela *American Psychiatric*

Association (APA, 2012), foi 2,5 vezes maior nos adolescentes que reportaram vitimização eletrônica (*cyberbullying*) no ano anterior à realização do estudo.

Do mesmo modo, as consequências da vitimização entre pares que ocorre no espaço virtual podem ser similares ou ainda mais graves daquelas decorrentes dos sistemáticos episódios de agressão tradicional, pois são amplificadas e têm o potencial de ocorrer a qualquer tempo (Perren et al., 2010). Os pesquisadores enfatizam que os perpetradores de comportamentos agressivos, em geral, são mais propensos a apresentarem problemas externalizantes, enquanto que as vítimas sofrem mais com problemas de ordem internalizante, dentre as quais se inclui a depressão. Dessa forma, foram analisados os dados de duas amostras independentes de adolescentes (Austrália e Suíça), objetivando compreender as relações entre depressão e vitimização (eletrônica e face a face). O fato de experimentar qualquer tipo de vitimização associou-se com níveis mais elevados de sintomas de depressão, sendo que especialmente no que diz respeito ao *cyberbullying*, as participantes do sexo feminino foram mais propensas à vitimização. Além disso, adolescentes envolvidos com *cyberbullying* pertencentes ao grupo das vítimas e aqueles do grupo vítimas-agressores mostraram maior ocorrência de depressão quando comparados aos pares sem implicação com o fenômeno. Após o controle por vitimização tradicional, vítimas de *cyberbullying* permaneceram com escores superiores de sintomas depressivos. Correlações significativas e positivas foram verificadas entre *cyber* vitimização com depressão ($r=0,18, p<0,01$) e entre *cyber* vitimização com a idade dos participantes ($r=0,14, p<0,01$).

A ocorrência simultânea entre vitimização *online* e na vida real potencializa os prejuízos para as crianças e adolescentes envolvidos. No estudo de Estévez et al. (2010), que contou com uma amostra de 1421 estudantes ($M=14,09, DP=1,33$), os pesquisadores identificaram que 30,1% dos adolescentes sofreu vitimização por *cyberbullying*, que ocorreu, principalmente, por meio do envio de *e-mails* ofensivos (16,7%), roubo de senhas para acesso a contas em redes sociais (15,7%) e através de mensagens SMS com conteúdo agressivo (13,8%). Os participantes do sexo masculino mostraram-se mais propensos a integrarem o grupo de *cyber* agressores e, em relação às *cyber* vítimas, constatou-se maiores percentuais nas participantes do sexo feminino. Ademais, 22,8% da amostra enquadraram-se na categoria vítimas-agressores. Além de constatarem que o grupo de vítimas e o grupo de vítimas-agressores apresentaram sintomas de depressão em níveis superiores quando comparados aos adolescentes que não experienciaram essas formas de agressão, os autores do estudo reportam

que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas também em relação à autoestima.

Hunt et al. (2012), a partir de um estudo realizado com 218 crianças e adolescentes na Austrália, encontraram evidências que reafirmam as consequências negativas do *cyberbullying*. Os pesquisadores informam que um maior envolvimento com o fenômeno aumenta a frequência de queixas somáticas e sintomas de pânico ($r=0,20$, $p<0,01$), de depressão ($r=0,21$, $p<0,01$) e diminui o senso de competência social ($r=-0,15$, $p<0,05$), mostrando, desse modo, associações com sintomatologia disfuncional em adolescentes. Ainda no que se refere às relações entre *cyberbullying* e sintomas depressivos, a investigação longitudinal de Low e Espelage (no prelo) também encontrou associação positiva e significativa entre as variáveis ($r=0,21$, $p<0,01$), sugerindo que na medida em que os episódios de vitimização *online* aumentam, observa-se uma elevação da frequência da sintomatologia depressiva apresentada pelos indivíduos.

Conforme é possível inferir a partir das investigações citadas anteriormente, pesquisadores que estudam a vitimização entre pares na atualidade verificam que a ocorrência de sintomas depressivos ou mesmo de quadros de depressão encontram-se frequentemente associados com o *cyberbullying* (Hawker & Boulton, 2000; Wang et al., 2011; Ybarra, 2004). Evidências transculturais também situam a depressão como um dos aspectos mais intimamente associados com o fenômeno (Menesini et al., 2012; Perren et al., 2010). Todavia, ainda hoje existem “poucas pesquisas sobre os processos que relacionam a vitimização entre pares com a depressão” (Barchia & Bussey, 2010, p. 615), e, em menor proporção ainda, com a vitimização *online* (Wang et al., 2011). Do mesmo modo, sabe-se que o processo de *cyberbullying* acomete em maior frequência indivíduos adolescentes (Tokunaga, 2010) e que é justamente nesse período do ciclo vital que se observa uma maior incidência de sintomatologia depressiva (Galambos, Berenbaum, & McHale, 2009), o que aponta para a relevância de estudos nessa área e com esta população, visando a obter informações que subsidiem intervenções no âmbito clínico e educacional, bem como apoiem ações de cunho preventivo ao surgimento de problemas internalizantes e externalizantes em jovens.

3.2 Método

3.2.1 Delineamento

Esse estudo assumiu delineamento quantitativo, transversal, de levantamento e correlacional (Zou, Tuncali, & Silverman, 2003).

3.2.2 Amostra

Participaram desse estudo 367 adolescentes (55,6% meninas), com idades variando entre 13 a 17 anos ($M=14,76$, $DP=1,40$), estudantes de escolas públicas e privadas localizadas na região metropolitana de Porto Alegre. A escolha por esta faixa etária justifica-se pela adequação aos instrumentos de pesquisa utilizados e pelo fato de que, conforme indica a literatura, a vitimização por *cyberbullying* ocorre com maior frequência em indivíduos com idades entre 11 a 17 anos, decrescendo após tal período (Tokunaga, 2010). A amostra foi composta por dois grupos, sendo um formado por adolescentes com até 15 anos (G1) e o outro por adolescentes com idade superior a 15 anos (G2).

Como critério de inclusão, todos os participantes deveriam ter utilizado a internet ao menos uma vez nos últimos seis meses. O tamanho da amostra, selecionada por conveniência, foi definido com base na população média de adolescentes em três escolas localizadas na referida região, totalizando 1200 participantes. Adotou-se um nível de confiança de 5% e, a partir do cálculo do erro amostral ($n = N * no / N + no$ [N = tamanho da população, n = tamanho da amostra, Eo = erro amostral tolerável, $no=1/Eo^2$]), chegou-se ao número de 300 participantes, que foi arredondado para 350, considerando-se a perda amostral. O tamanho amostral adotado permite não cometer erro β de 95%.

3.2.3 Instrumentos

Um dos métodos mais frequentemente utilizados na pesquisa em Psicologia são os autorrelatos. Conforme Graham, Bellmore e Juvonen (2003), os autorrelatos são capazes de oferecer informações sobre experiências subjetivas e que não precisam, necessariamente,

passar pela etapa de verificação junto de outros informantes. Dessa maneira, no presente estudo, foram utilizadas as seguintes medidas:

Questionário biossociodemográfico

Instrumento desenvolvido para esse estudo, contendo questões como idade do participante, escola e série, bem como sobre comportamentos em relação à internet (tempo médio utilizando internet, finalidade e local do uso, entre outros). Dados demográficos como a escolaridade e profissão dos pais e ou responsáveis, assim como aspectos relativos à moradia (com quem reside, se possui irmãos) também foram coletados. O instrumento encontra-se no Anexo A.

Revised Cyberbullying Inventory (RCBI)

O *Revised Cyberbullying Inventory* (Anexo B) foi desenvolvido a partir do *Cyber Bullying Inventory*, criado no ano de 2007 (Topçu & Erdur-Baker, 2010). O instrumento destina-se a adolescentes com 13 anos ou mais de idade e é composto por 14 declarações, dispostas em escala do tipo *likert* de quatro pontos, variando de 0 (nunca) à 3 pontos (mais de três vezes). O participante assinala se sofreu ou provocou a ação no período correspondente aos últimos seis meses em duas subescalas específicas (Topçu & Erdur-Baker, 2010). Os escores são obtidos pela soma dos valores das respostas, tendo como escore máximo nas subescalas o valor de 42 pontos e, na escala geral, 84 pontos. Quanto mais alto o participante pontua, maior é o seu envolvimento com o fenômeno. Os alfas de *Cronbach* encontrados na versão original foram de 0,75 (subescala de *cyber* vitimização) e 0,82 (subescala de *cyber* agressão).

O processo de adaptação do RCBI para esse estudo foi constituído por cinco etapas (Gjersing, Caplehorn, & Clausen, 2010). Na primeira etapa, o questionário foi discutido em reuniões com especialistas, com o objetivo aferir a equivalência, para a cultura brasileira, dos construtos teóricos utilizados pelo instrumento. Além disso, os itens do questionário foram avaliados em termos de relevância e compreensão para a população de adolescentes. A etapa posterior foi a tradução e retrotradução do instrumento, por dois tradutores fluentes na língua inglesa e portuguesa. As duas traduções foram avaliadas por juízes e sintetizadas em uma

única versão, que foi submetida à retrotradução, a qual seguiu o mesmo padrão. Essa versão foi enviada aos autores do instrumento original para a obtenção da aprovação.

A terceira etapa de adaptação, de cunho qualitativo, ocorreu em 07 de agosto de 2012, contando com a participação de 12 estudantes (quatro do 1º ano do Ensino Médio, quatro do 2º ano e quatro do 3º ano). O objetivo desta etapa foi de analisar a compreensão, a aceitabilidade e a possível mobilização emocional do instrumento. Também buscou-se validar a adequação de cada item à essência do comportamento agressivo do tipo *bullying*, ou seja, deliberado e com intenção de causar algum tipo de constrangimento ou sofrimento à vítima.

Posteriormente, ocorreu o pré-teste (estudo piloto), que contou com a participação de 27 estudantes com idades variando entre 13 a 17 anos ($M=15,75$, $DP=1,26$) e que revelou adequados índices de consistência interna ($\alpha=0,853$ na escala geral, $\alpha=0,755$ na subescala de *cyber* agressão e $\alpha=0,833$ na subescala de *cyber* vitimização). A quarta etapa foi a análise da equivalência operacional do questionário, onde os resultados do pré-teste, somados às observações qualitativas, foram avaliadas de modo a guiar a administração do inventário, a ordem dos itens e o modo de instrução para o preenchimento do questionário em face da realidade brasileira. Por fim, a quinta etapa consistiu no estudo principal, realizado com a amostra total do presente estudo e utilizando a versão culturalmente adaptada (Anexo C). Análises de consistência interna foram testadas e revelaram valores adequados na escala global ($\alpha=0,856$) e nas subescalas ($\alpha=0,754$, *cyber* agressão; e $\alpha=0,761$, *cyber* vitimização). A relação entre as subescalas foi avaliada através do coeficiente de correlação de *Pearson*, que mostrou-se positivo e moderado ($r=0,653$, $p<0,001$).

Inventário de Depressão Infantil (CDI)

A literatura indica que a diferença entre os sexos na ocorrência de sintomas de depressão surge por volta dos 13 anos de idade e aumenta até os 18 anos (Galambos et al., 2009). Como na presente investigação um dos objetivos foi o de comparar dados entre meninos e meninas, utilizou-se, nesse sentido, o Inventário de Depressão Infantil (CDI). O instrumento, composto por 27 itens, mensura sintomas relacionados a depressão e pode ser aplicado de forma coletiva. Quanto mais elevado o escore, maior é a severidade dos sintomas de depressão. No Brasil, o CDI foi validado para populações de 7 a 17 anos por Hutz e

Giacomoni (2000) e apresentou adequadas propriedades psicométricas ($\alpha=0,80$). O instrumento mostrou igualmente adequação nesse estudo ($\alpha=0,809$) e encontra-se ao final da dissertação (Anexo D).

3.2.4 Procedimentos

Aspectos éticos

De acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras envolvendo a pesquisa com seres humanos, previstas na Resolução nº 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde e na Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, esse estudo seguiu todos os cuidados éticos necessários, de modo a garantir o anonimato no tratamento dos dados e divulgação dos achados dessa pesquisa. Do mesmo modo, a investigação atentou para o princípio de bem-estar e da premissa em não causar dano aos participantes (*American Psychological Association*, 2012). Além disso, o estudo foi encaminhado para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, após a realização do Exame de Qualificação, sendo aprovado conforme Resolução nº 181/2011 (Anexo E). Todos os participantes foram informados sobre a possibilidade de recusa em participar da investigação, e, no caso da ocorrência de qualquer desconforto ou sofrimento emocional provocado em decorrência do estudo, o pesquisador e os auxiliares de pesquisa foram instruídos a realizar os devidos encaminhamentos.

Coleta dos dados

Inicialmente, sete escolas foram contatadas para apresentação do projeto e obtenção de aprovação para a coleta de dados. Obteve-se a autorização de quatro instituições escolares, que assinaram a carta de anuência (Anexo F). Posteriormente, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, instrumento que solicitou a assinatura dos pais/responsáveis e também do próprio estudante participante do estudo (Anexo G). Os adolescentes responderam aos instrumentos de maneira coletiva, em sala de aula, em sessão única cuja duração foi de aproximadamente 40 minutos. Caso necessário, foram fornecidas

instruções específicas pelo pesquisador e/ou auxiliares de pesquisa para os participantes individualmente sobre o preenchimento das escalas e instrumentos.

Análise dos dados

Os dados foram tabulados e analisados no *Statistical Package for the Social Sciences - SPSS* versão 17.0. Análises descritivas de caráter exploratório foram conduzidas para a checagem de possíveis erros cometidos durante a fase de tabulação, *missings* (dados faltantes) e também foram analisados os *outliers* (casos extremos). Do mesmo modo, após a checagem de normalidade, testes bivariados foram utilizados nas análises, sobretudo testes de correlações entre os dados escalares (Breakwell, Hammond, Fife-Shaw, & Smith, 2010), cuja interpretação de direção e intensidade se deu de acordo com os postulados de Zou, Tuncali e Silverman (2003). O teste de chi-quadrado (X^2) foi utilizado para verificar diferenças entre variáveis categóricas.

Para a comparação das médias de sintomas de depressão entre meninos e meninas e do envolvimento com *cyberbullying*, foi utilizado o teste *t* de *Student*. O mesmo procedimento foi testado na comparação dessas variáveis entre as faixas etárias (G1, que consiste nos estudantes com idades até 15 anos e G2, compreendendo aqueles participantes com 15 anos ou mais). Nas análises multivariadas, considerando os sintomas de depressão e os diferentes papéis relativos ao envolvimento com *cyberbullying* (vítima, agressor, não-envolvido e vítima-agressor), utilizou-se a Análise de Variância (ANOVA).

Análises de regressão linear foram empregadas para testar possíveis os preditores para o *cyberbullying*, *cyber* agressão e *cyber* vitimização. Foram testadas hipóteses explicativas tendo como variáveis independentes os sintomas depressivos, faixa etária, sexo e tempo gasto na internet, e, como variável dependente, a ocorrência do *cyberbullying*. Para todas as análises, o nível de significância adotado foi igual ou menor a 0,05.

3.3 Resultados

A maioria dos adolescentes participantes deste estudo residia com os pais (90,7%), seguido de 6,8% que afirmaram morar com parentes. Além disso, 86,3% declararam ter irmãos, variando entre 1 a 6 irmãos. Em relação ao uso de TIC's, os que possuíam computadores em casa representaram mais de três quartos da amostra (84,5%), sendo que 56,5% dispunham de um equipamento de uso exclusivo. Em relação ao telefone celular, 95,1% afirmaram a posse de aparelho próprio. Sobre a habilidade em utilizar computadores, mais da metade da amostra (59,7%) considera-se satisfeita com suas habilidades e 29% consideram excelente suas capacidades para o manejo desta ferramenta. Apenas 11% percebem suas habilidades como não muito boas para uso deste equipamento.

No que diz respeito ao acesso à internet, 67,2% relataram uso diário, 14,2% afirmaram utilizar de três a cinco vezes por semana, seguido de 11,2% que acessam a rede até duas vezes por semana. O tempo gasto, em média, utilizando a internet foi de 2,96 horas por dia ($DP=3,10$), variando de 0 a 20 horas diárias, sendo que não existem diferenças quanto ao uso da internet em relação ao sexo do participante, mas sim em relação à faixa etária ($t(349)=-3,029$, $p=0,003$), sendo que os adolescentes mais velhos (G2) gastam, diariamente, um tempo significativamente superior na internet quando comparados aos mais novos (G1).

Com relação aos locais para uso da internet, observou-se que a maioria dos participantes (61,8%) não acessa a internet a partir da escola. Os locais mais comuns para o acesso na rede reportados foram: do quarto (62,5%), em casa, fora do quarto (50,4%), via aparelho celular (44,7%), casa de um amigo (42,7%) e em uma *lan house* (27,7%). Não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos em relação ao acesso a internet, com exceção do uso no celular, que foi mais comum entre as meninas ($X^2(2)=6,798$, $p=0,03$). Os adolescentes mais velhos, pertencentes ao G2, diferiram do G1 em relação ao uso da internet no quarto ($X^2(1)=6,846$, $p=0,006$), na escola ($X^2(1)=41,055$, $p<0,001$), na casa de um amigo ($X^2(1)=10,237$, $p=0,006$), no trabalho ($X^2(1)=14,595$, $p=0,001$), na casa de parentes ($X^2(1)=4,133$, $p=0,04$) bem como o uso em casa, fora do quarto ($X^2(1)=5,598$, $p=0,02$). Em todas estas ocasiões, os adolescentes mais velhos apresentaram frequência superior de uso da internet. O G1, todavia, apresentou maior uso da internet em *lan houses* em relação ao G2 ($X^2(2)=7,929$, $p<0,05$).

Quando questionados sobre os motivos para o uso da internet, os resultados apontam que: 73,3% dos participantes utilizam a internet para a realização de trabalhos escolares, 69,5% para utilização de programas de conversas instantâneas, 66,1% para a realização de *downloads*, 65% com o propósito de visitar *sites*, 45,5% para enviar e receber *e-mails*, 44,6% para jogos *online* e 17,6% para compras. Meninos e meninas diferiram em seus motivos para uso da internet. As meninas declararam o uso para a realização de trabalhos escolares em frequência superior a declarada pelos meninos ($X^2(1)=18,323$, $p<0,001$) enquanto os meninos estiveram mais envolvidos em jogos *online* ($X^2(1)=13,287$, $p<0,001$).

Diferenças significativas foram constatadas também entre os adolescentes mais jovens e os mais velhos. Ou seja, participantes do G2 utilizaram mais a internet para visitar *sites* ($X^2(2)=28,981$, $p<0,001$), enviar e receber *e-mails* ($X^2(2)=26,412$, $p<0,001$), para o uso de *softwares* de conversas instantâneas ($X^2(1)=4,921$, $p<0,05$), trabalhos escolares ($X^2(1)=7,880$, $p<0,05$), *download* de filmes, programas e músicas ($X^2(1)=12,054$, $p<0,001$) e compras *online* ($X^2(1)=5,407$, $p<0,05$) quando comparados ao G1. Além disso, 86,6% dos participantes afirmaram que já tiveram ou ainda mantêm uma conta em sites de rede social. Os meninos apresentaram percentuais levemente superiores em relação a essa variável (87,1%) em relação às meninas (86,3%).

Sobre as atitudes dos pais no que se refere ao estabelecimento de regras e monitoramento das páginas/conteúdo que os adolescentes visualizam na internet, não foram encontradas diferenças entre meninos e meninas. Porém, no que tange ao fornecimento de conselhos sobre o uso das TIC's, encontraram-se diferenças significativas entre os sexos ($X^2(2)=21,136$, $p<0,001$), sendo que as meninas referiram ter recebido mais conselhos de seus pais que os meninos. As três atitudes dos pais - estabelecimento de regras, monitoramento de páginas visualizadas e fornecimento de conselhos - foram significativamente mais frequentes nos adolescentes mais jovens (G1). Os valores do teste chi-quadrado, graus de liberdade e níveis de significância foram, respectivamente: $X^2(2)=26,690$, $p<0,001$, $X^2(2)=16,002$, $p<0,001$ e $X^2(2)=22,428$, $p<0,001$.

3.3.1 Prevalência do *cyberbullying* e associações com variáveis do estudo

O RCBI permite ao pesquisador compreender a ocorrência de *cyber* vitimização e *cyber* agressão separadamente, além de possibilitar a inferência, através do escore global, do grau com o qual o usuário encontra-se envolvido com o fenômeno. 72,7% dos participantes relataram ao menos um incidente de *cyber* agressão e 75,6% referiram ao menos um episódio, nos últimos seis meses, de *cyber* vitimização. Em percentuais menores (65,6%) encontram-se aqueles participantes que pontuaram ao menos um ponto nas duas subescalas, ou seja, vítimas e agressores.

Meninos ($M=9,02$, $DP=9,02$) e meninas ($M=8,12$, $DP=8,68$) não apresentaram diferenças significativas em relação aos escores de *cyberbullying*, que variaram de 0 a 43 pontos ($M=8,52$, $DP=8,83$). Nas subescalas de *cyber* agressão e *cyber* vitimização, as médias foram, respectivamente, de 4,31 ($DP=4,95$), variando entre 0 a 28 pontos e 4,24 ($DP=4,74$), variando entre 0 a 24 pontos. Meninos ($M=4,81$, $DP=5,16$) e meninas ($M=3,82$, $DP=4,76$) não diferiram em relação às médias de *cyber* agressão. Igualmente, participantes do sexo masculino ($M=4,26$, $DP=4,85$) não apresentaram escores significativamente distintos dos apresentados pelas meninas ($M=4,23$, $DP=4,67$) em *cyber* vitimização.

Todavia, em relação aos escores totais do RCBI e na subescala de *cyber* agressão houve diferença com relação aos adolescentes menores e maiores de 15 anos. Os estudantes mais velhos, ou seja, pertencentes ao G2 mostraram médias superiores ($M=5,31$, $DP=5,59$) das apresentadas pelo G1 ($M=3,34$, $DP=4,06$) em *cyber* agressão ($t(361)=-3,858$, $p<0,001$) e no envolvimento total com o fenômeno ($t(362)=-2,845$, $p=0,005$), sendo a média de 7,22 ($DP=7,27$) para G1 e 9,84 ($DP=10,07$) para G2.

Nos comportamentos de *cyber* agressão, as formas mais comuns foram fazer piadas sobre comentários em fóruns *online*, como no *Facebook* e *Twitter* (50,8%), exclusão em fóruns ou bloqueio de mensagens (33%) e insultos em fóruns *online* (25,9%). Do mesmo modo, 20,5% compartilharam conversas privadas, 19,6% roubaram senhas para acessar o *e-mail* de outra pessoa, 18,4% publicaram uma foto embaraçosa de outra pessoa, 14% enviaram mensagens SMS com teor agressivo, 12,4% ameaçaram alguém em fóruns *online*, 11,1% enganaram outra pessoa fingindo ser do sexo oposto, 9,1% roubaram senhas para bloquear que o usuário real pudesse acessar novamente a caixa de *e-mails*, 6,4% roubaram arquivos

pessoas do computador da vítima, 6,1% roubaram nomes de usuários ou *nicknames* de computadores, 4,7% caluniaram alguém através da postagem de fotos falsas e 3,6% enviaram *e-mail* para humilhar ou machucar outra pessoa. A frequência de meninos foi maior que a de meninas com relação a comportamentos de piadas sobre comentários em fóruns *online* ($X^2(3)=11,388$, $p<0,05$) e roubo de senhas para ($X^2(3)=10,638$, $p<0,05$). G1 e G2 diferenciaram-se nas frequências em relação aos atos de fazer piadas sobre comentários em fóruns *online* ($X^2(3)=12,752$, $p<0,005$), compartilhar conversas privadas sem o conhecimento do outro ($X^2(3)=21,411$, $p<0,001$), publicar uma foto embaraçosa de outra pessoa sem o seu consentimento ($X^2(3)=13,231$, $p<0,05$) e roubo de senhas para leitura de mensagens ($X^2(3)=8,224$, $p<0,05$), sendo que a frequência maior destes comportamentos foi observada entre adolescentes com idades entre 15 a 17 anos.

Já para a subescala de *cyber* vitimização, os maiores percentuais foram relativos às piadas em fóruns *online* (39,1%) e insultos em fóruns *online* (33,6%). Ademais, 22,7% relataram terem sido excluídos de fóruns *online* ou terem suas mensagens bloqueadas, 20,8% tiveram uma foto sua embaraçosa publicada sem o devido consentimento, 20,6% tiveram dados de acesso ao *e-mail* roubados, 19,9% foram ameaçados em fóruns *online*, 17,6% tiveram conversas pessoais compartilhadas e roubo de dados de acesso ao *e-mail* com bloqueio do acesso a caixa, 17,5% reportaram o recebimento de torpedos SMS com teor ameaçador ou agressivo, 10,3% afirmaram vitimização através do roubo de nomes de usuários/*nicknames*, 9,9% foram enganados por outra pessoa que fingia ser do sexo oposto, 8,9% receberam *e-mails* ameaçadores, 8,4% tiveram fotos falsas postadas e 7,8% tiveram arquivos pessoais roubados do computador. Não foram encontradas diferenças entre meninos e meninas no que se refere a *cyber* vitimização, porém a frequência maior do comportamento de fazer piadas em comentários em fóruns *online* ($X^2(3)=11,085$, $p<0,05$) foi dos adolescentes mais velhos (G2), assim como também no compartilhamento de conversas privadas ($X^2(4)=16,682$, $p<0,002$).

Ademais, considerando o envolvimento em *cyber* agressão e *cyber* vitimização, é possível identificar, ainda, o subgrupo de “vítimas-agressores” que, junto daqueles não envolvidos com o *cyberbullying*, completam os papéis sociais atribuídos ao processo. A Tabela 1, apresentada a seguir, compila esses dados, mostrando os percentuais de meninos e meninas e de adolescentes mais jovens e mais velhos em relação ao fenômeno.

Tabela 1

Papeis relativos ao envolvimento com cyberbullying

		Não-envolvidos <i>f</i> (%)	Vítimas <i>f</i> (%)	Agressores <i>f</i> (%)	Vítimas e Agressores <i>f</i> (%)
Masculino	G1	11 (6,8%)	9 (5,6%)	6 (3,7%)	58 (36,0%)
	G2	18 (18,0%)	4 (8,1%)	6 (7,5%)	49 (66,5%)
	Total	30 (18,5%)	13 (8,0%)	12 (7,4%)	108 (66,1%)
Feminino	G1	19 (9,4%)	16 (7,9%)	4 (2,0%)	61 (30,0%)
	G2	17 (8,4%)	7 (3,4%)	10 (4,9%)	69 (34,0%)
	Total	36 (17,6%)	23 (11,3%)	14 (6,9%)	131 (64,2%)

Nota. *f*=Frequência, %=Percentual.

A partir da Tabela 1, constata-se que meninos apresentaram percentuais superiores no que se refere à agressão *online* e também foram maioria no grupo de vítimas-agressores. As meninas, por sua vez, apresentam frequência maior no papel de *cyber* vítimas que os meninos. Já no grupo de não envolvidos, os percentuais encontrados entre meninos e meninas e entre adolescentes mais novos e mais velhos foram próximos. Não foram encontradas diferenças nas frequências de meninos e meninas e das idades em relação aos papéis relativos ao *cyberbullying*.

No que diz respeito aos sintomas de depressão, verificou-se um escore médio para a amostra de 9,64 pontos ($DP=6,19$), variando de 0 até 39 pontos. Essa média, de acordo com normas desenvolvidas para a população de adolescentes situadas na mesma faixa etária desse estudo, encontra-se abaixo dos níveis considerados clinicamente significativos (Wathier, Dell'Aglio, & Bandeira, 2008). Além disso, não se constatou diferenças entre adolescentes mais jovens e mais velhos com relação aos escores do Inventário de Depressão Infantil. Todavia, as meninas ($M=10,70$, $DP=6,78$) apresentaram maiores escores de sintomas de depressão do que meninos ($M=8,29$, $DP=5,07$). O valor do teste *t* de Student foi de $t(363)=-3,763$, $p<0,001$.

Tabela 2

Correlações entre as variáveis do estudo

	1	2	3	4	5	6
1 – Idade	1	0,170**	0,215**	0,103*	0,178**	-0,024
2 - Tempo gasto na internet		1	0,264**	0,230**	0,273**	0,005
3 - Agressão <i>online</i>			1	0,656**	0,914**	0,269**
4 - Vitimização <i>online</i>				1	0,905**	0,261**
5 - Escore total <i>cyberbullying</i>					1	0,289**
6 - Sintomas de depressão						1

Nota. * $p < 0,05$ ** $p < 0,01$

As correlações de *Pearson*, apresentadas na Tabela 2, mostram que quanto mais velho o adolescente, maior tempo este gasta na internet ($r=0,170$, $p < 0,01$). Além disso, quanto mais velhos os adolescentes, mais envolvimento com comportamentos de agressão *online* ($r=0,215$, $p < 0,01$), assim como com vitimização *online* ($r=0,103$, $p < 0,05$). Da mesma forma, na medida que aumenta a idade, cresce o envolvimento com o *cyberbullying* em geral ($r=0,178$, $p < 0,01$). O tempo gasto na internet associou-se positivamente tanto com *cyberbullying* como com vitimização e agressão *online* (valores de $r=0,273$, $0,230$ e $0,264$, respectivamente). Esses mesmos tipos de envolvimento com *cyberbullying* correlacionaram-se positivamente também com sintomas de depressão (valores de $r=0,289$, $0,261$ e $0,269$, respectivamente).

Através da Análise de Variância, buscou-se comparar os sintomas depressivos em função dos papéis sociais no *cyberbullying*. A interação verificada entre esses papéis sociais e depressão foi significativa ($F(3,360)=7,725$, $p < 0,001$). Empregou-se o pós-teste de *Tukey* para checar a natureza de tais diferenças, que mostrou que adolescentes pertencentes ao grupo de vítimas-agressores apresentaram médias superiores de depressão ($M=10,73$, $DP=6,38$) quando comparados aos estudantes não envolvidos ($M=7,65$, $DP=6,19$), os que pertenciam apenas ao grupo de vítimas ($M=7,19$, $DP=3,92$) e os que pertenciam exclusivamente ao grupo de agressores ($M=7,81$, $DP=4,53$).

3.3.2 Preditores do *cyberbullying*

Análises de regressão linear foram empregadas com o objetivo de prever, respectivamente, a ocorrência de *cyberbullying*, de *cyber* vitimização e de *cyber* agressão. Através das variáveis faixa etária, sexo, tempo gasto na internet e sintomas de depressão (Tabela 3) foi possível explicar 18,1% da variância do envolvimento com *cyberbullying*. Os resultados indicaram que indivíduos de 15 a 17 anos (G2) apresentam 2,05 mais chances de se envolverem com *cyberbullying* do que sujeitos entre 12 e 15 anos (G1). Foi identificado também que adolescentes do sexo masculino apresentam 1,76 mais chances de se envolverem com *cyberbullying* do que o sexo oposto. A quantidade elevada de horas utilizando a internet indica 0,10 mais chances de envolvimento com o fenômeno. Neste mesmo sentido, foi possível identificar que os índices mais elevados de depressão aumentam significativamente a probabilidade de envolvimento com o *cyberbullying* ($OR=2,70$).

Tabela 3

Preditores do cyberbullying

	<i>Cyberbullying</i>		<i>Cyber Agressão</i>		<i>Cyber Vitimização</i>	
	<i>OR</i>	<i>p</i>	<i>OR</i>	<i>p</i>	<i>OR</i>	<i>p</i>
	(IR 95%)		(IR 95%)		(IR 95%)	
Faixa etária (G1 vs. G2)*	2,05 (0,32-3,79)	0,01	1,71 (0,73-2,68)	0,01	0,34 (-0,61-1,29)	<i>ns</i>
Sexo*	1,76 (0,10-3,52)	0,05	1,43 (0,44-2,42)	0,01	0,33 (-0,63-1,30)	<i>ns</i>
Tempo gasto na internet	0,10 (0,06-0,14)	0,01	0,05 (0,03-0,07)	0,01	0,05 (0,02-0,07)	0,01
Sintomas depressivos	2,70 (1,84-3,56)	0,01	1,42 (0,80-1,74)	0,01	1,42 (0,93-1,90)	0,01

Nota. * preditores categóricos *dummy*, *OR*=*Odds Ratio*, IR 95%=Intervalo de confiança de 95%, *ns*=não significativo.

Em relação à subescala de *cyber* agressão, a variância explicada foi de 18,2% pelos preditores apresentados na Tabela 3. Neste caso, os adolescentes mais velhos apresentam 1,71 mais chances de envolvimento com o fenômeno, e aqueles do sexo masculino têm 1,43 mais chances de envolvimento. Quanto aos jovens que gastam mais tempo na internet,

verificou-se que estes estão mais propícios ao envolvimento com atos agressivos de *cyberbullying* ($OR=0,05$) e que índices elevados de depressão também aumentam as chances de envolvimento com comportamentos de *cyber* agressão ($OR=1,42$).

Quanto à vitimização em relação ao *cyberbullying*, o modelo explicou 13% da variância pelos preditores utilizados nas demais análises de regressão. Nesse caso, apenas o número elevado de horas na internet ($OR=0,05$) e o alto escore no CDI ($OR=1,27$) apresentam influência significativa ($p<0,01$) para a predição do envolvimento com *cyber* vitimização.

3.4 Discussão

O objetivo desse artigo foi de avaliar a prevalência de *cyberbullying* entre adolescentes brasileiros e associações deste fenômeno com sintomas de depressão. Além disso, buscou-se também compreender as diferenças entre meninos e meninas, bem como entre adolescentes mais jovens e mais velhos no tocante as referidas variáveis. A análise dos resultados sociodemográficos mostrou que o uso de TIC's se faz presente no cotidiano da amostra, seja através do uso da internet como pela posse de telefones celulares e computadores. Do mesmo modo, um percentual significativo dos participantes referiu satisfatória habilidade no uso de computadores, relatando o uso da internet para propósitos variados, das quais destacam-se a comunicação (*softwares* de conversação instantânea e perfis em redes sociais), realização de *downloads* e acesso a *sites*. De fato, hoje há consciência em relação a importância que ocupa a tecnologia e da significativa parcela de crianças e adolescentes que fazem uso dessas ferramentas (*Kaiser Family Foundation, 2010*).

Uhls et al. (2011) destacam que os indivíduos contemporâneos à geração digital incorporam a tecnologia em quase todos os segmentos de suas vidas, razão pela qual passa a ser entendido que o desenvolvimento dos adolescentes ocorre lado a lado com o uso de mídia. Ademais, em relação a este grupo, a internet, junto das demais tecnologias de informação e comunicação (TIC's), configuram-se enquanto contextos e ferramentas para a socialização e para o desenvolvimento da identidade (Willard, 2007). A maioria dos participantes desse estudo acessa a internet diariamente (67%), percentual idêntico ao verificado na faixa etária de 10 a 15 anos pela pesquisa do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação - Cetic (2011). Já a investigação conduzida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br (2012) constatou que o uso da internet em casa é menor em crianças novas (39% em sujeitos com 9 a 10 anos) e vai aumentando gradativamente com a idade (44% naqueles situados na faixa etária dos 15 aos 16 anos). Esses dados também são similares aos encontrados nessa investigação, que identificou que adolescentes pertencentes ao G2 diferiram significativamente dos pertencentes ao G1 em relação ao uso da internet em casa. Percentuais superiores foram verificados, todavia, em relação ao uso de redes sociais virtuais pelos participantes desse estudo (86,6%) em relação aos dados apresentados pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br (2012), onde 70% dos participantes com idades entre 9 a 16 anos possui conta ativa em um site de rede social.

Cabe enfatizar que os dados relativos ao uso da internet descritos anteriormente refletem uma realidade observada em diversos países. Considerando tendências globais, Gross (2004, p. 634) afirma que a popularidade “crescente da internet na vida dos adolescentes é agora bem estabelecida”. Porém, é nesse contexto de virtualização e digitalização das relações interpessoais que surgiu o *cyberbullying*, fenômeno em discussão nesse artigo. O *cyberbullying* vem assumindo características únicas, tornando-se, portanto, complexo e ainda pouco compreendido (Kiriakidis & Kavoura, 2010).

Em relação aos episódios de *cyberbullying*, 72,7% dos participantes revelaram ao menos um incidente de *cyber* agressão nos últimos seis meses e 75,6% reportaram ao menos uma ocorrência de *cyber* vitimização. Esses percentuais se aproximam aos reportados por Juvonen e Gross (2008), no qual 72% dos adolescentes experienciaram ao menos um acontecimento associado com o fenômeno, e também o descrito por Li (2008), onde até 65% dos adolescentes citaram envolvimento com *cyberbullying*. Todavia, tais percentuais são inferiores aos constatados pela *WiredSafety* (2007), onde 85% dos estudantes relatou vitimização, no último ano, por *cyberbullying*. Ademais, identificou-se que a associação entre *cyberbullying* e sintomas de depressão é positiva e significativa na amostra pesquisada, corroborando pesquisas anteriormente realizadas (Hunt et al., 2012; Mitchell et al., 2007; Perren et al., 2010; Ybarra, 2004). Todavia, a força da correlação entre o fenômeno e sintomas de depressão foi superior ($r=0,289$, $p<0,01$) às verificadas por Hunt et al. (2010) e por Perren et al. (2010). Considerando que a violência incluindo *bullying* e *cyberbullying* pode implicar no desenvolvimento de sintomas depressivos nas vítimas (Wang et al., 2011) e também em agressores (Binsfeld & Lisboa, 2010), os achados não surpreendem e sugerem que o *cyberbullying* possivelmente afete também outros domínios/características, como a autoestima e as relações interpessoais.

Análises de variância apontaram que os adolescentes pertencentes ao grupo vítimas-agressores mostraram maiores índices de sintomas de depressão. Isso pode ser compreendido uma vez que existe uma sobreposição ou um duplo envolvimento com o *cyberbullying*, potencializando as consequências emocionais. Estudos também apontam que as vítimas-agressoras em geral são crianças mais ansiosas, impulsivas, mais expostas a outras situações de violência e menos aceitas pelo grupo de pares (Estévez et al., 2009; Shariff, 2011). Estas evidências, além de explicarem em parte o resultado encontrado, permitem refletir sobre as dificuldades cognitivas e comportamentais de jovens que oscilam nestes papéis sociais e, conseqüentemente, das distintas dinâmicas de poder presentes nas relações. Gradinger et al.

(2009) também conduziram o mesmo procedimento estatístico para a comparação da sintomatologia depressiva em relação ao tipo de envolvimento com comportamentos agressivos (*bullying* e *cyberbullying*), encontrando efeito significativo no grupo de adolescentes com histórico de vitimização tanto eletrônica como tradicional. No estudo de Estévez et al. (2010) também é reportado o uso da ANOVA para a comparação dos sintomas de depressão em relação aos tipos de envolvimento com *cyberbullying*, sendo que constataram-se médias mais baixas de depressão no grupo de adolescentes não envolvidos com o processo e, as mais elevadas, no grupo das vítimas.

Ainda em relação aos sintomas depressivos, constatou-se que estes potencializam o envolvimento com *cyberbullying*. Na presente investigação, a depressão aumentou 2,70 vezes as chances de implicação com o fenômeno. Esse índice está em conformidade com os achados do estudo conduzido nos Estados Unidos por Ybarra (2004). Um entendimento possível ou aspecto a ser levantado e pensado é de que o *cyberbullying* possa ser um comportamento de retaliação de uma vítima do *bullying* na escola ou em outro contexto não virtual, pois na internet esta sente-se apta em revidar a vitimização sofrida no mundo real (Smith et al., 2008). Outra hipótese é de que vítimas com sintomas de depressão podem ficar mais tempo na frente do computador, em decorrência das consequências e sintomas típicos da patologia, permanecendo, assim, isoladas e reclusas. Logo, este tempo aumenta as chances de envolverem-se com *cyberbullying* e pode empobrecer o repertório de habilidades sociais desses indivíduos (Raskaukas & Stoltz, 2007).

Em consonância com diversos estudos (Hinduja & Patchin, 2007, 2008; Tokunaga, 2010; Topçu, Erdur-Baker, & Çapa-Aydin, 2008), o envolvimento com *cyberbullying*, *cyber* vitimização e *cyber* agressão não diferiu entre os sexos. Embora os escores totais do RCBI e de suas subescalas não tenham diferido significativamente entre meninos e meninas, a análise de regressão linear identificou que meninos apresentam 1,76 mais chances de envolvimento com *cyberbullying* do que as meninas. No que diz respeito à *cyber* agressão, o fato de ser do sexo masculino também aumentou 1,43 a chance de envolvimento com o comportamento. Esse dado relativo a externalização de agressividade em meninos é também comum no processo de *bullying*, e, em certa medida pode explicar os achados desse estudo (Wendt, Campos, & Lisboa, 2012).

No que tange à faixa etária, G1 e G2 apresentaram resultados distintos em relação à subescala de *cyber* agressão e também no tocante ao escore total no RCBI. Isso pode ser

entendido uma vez que, conforme o adolescente amadurece, passa a adquirir mais autonomia e concessão para uso da internet por parte dos pais ou responsáveis (Tokunaga, 2010). Todavia, cabe ressaltar que as diferenças entre faixas etárias ainda lançam dúvidas e apresentam achados inconsistentes na literatura (Garaigordobil, 2011).

O modelo de regressão também foi significativo em relação ao tempo que os adolescentes gastam na internet, aumentando as chances para o envolvimento com *cyberbullying* (0,10), com *cyber* agressão (0,05) e *cyber* vitimização (0,05). Além disso, correlações positivas foram encontradas entre o tempo gasto na internet com *cyberbullying*, *cyber* agressão e *cyber* vitimização ($r=0,273$, $r=0,264$ e $r=0,230$, respectivamente). Essa mesma variável diferenciou-se, no estudo de Twyman, Saylor, Taylor e Comeaux (2010), em relação ao grupo de *cyber* agressores e *cyber* vítimas, que gastam tempo significativamente superior na internet em relação aos adolescentes não envolvidos com o processo. Juvonen e Gross (2008) também verificaram que o aumento do tempo gasto na internet prediz o envolvimento com *cyberbullying*. Estes fatos despertam preocupação de pesquisadores e psicólogos clínicos com relação ao desenvolvimento social, cognitivo e emocional dos indivíduos descritos como nativos digitais, que, no cenário contemporâneo, crescem e se relacionam com a coexistência dos processos de *bullying* e *cyberbullying*. Ou seja, os jovens atualmente passam tempo significativo na frente de computadores trabalhando, estudando, interagindo. Esta realidade não será mais evitada. O que preocupa é a perda da qualidade dos contatos face a face que proporcionam o adequado desenvolvimento de habilidades sociais (Fox & Boulton, 2005). Jovens que possuem relações saudáveis com seus pais tendem a passar menos tempo na internet do que os que não possuem relações positivas com seus cuidadores. Da mesma forma, amizades que não começaram em contextos virtuais incrementam em qualidade se existem também as interações virtuais, mas amizades que somente ocorrem em contextos virtuais/digitais, todavia, representam risco para os jovens (Uhls et al., 2011).

Cabe destacar que esse estudo, embora apresente dados quantitativos inéditos em relação à ocorrência do *cyberbullying* em adolescentes brasileiros, apresenta uma série de limitações. Inicialmente, ressalta-se que o delineamento transversal permite o cálculo apenas de associações entre variáveis, ficando a análise de causalidade comprometida. Futuros estudos sobre o fenômeno, incluindo investigações longitudinais e que associem demais variáveis podem elucidar aspectos ainda pouco explorados desse e demais processos de agressão entre pares. A literatura consultada é enfática ao recomendar que, na atualidade, os

programas preventivos contra o *bullying* passem a incorporar também estratégias em relação ao seu subtipo eletrônico ou virtual. Em adição, são necessários esforços em conjunto entre pais, educadores e profissionais que atuam no campo das políticas públicas para o desenvolvimento de habilidades e construção de estratégias que protejam crianças e adolescentes dos possíveis danos associados às atividades *online*.

3.5 Referências

- American Psychiatric Association* - APA (2012). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR). 4ª ed. Porto Alegre: ArtMed.
- American Psychological Association* - APA (2012). Manual de Publicação da APA. Porto Alegre: ArtMed.
- Arslan, S., Savaser, S., Hallett, V., & Balci, S. (2012). Cyberbullying Among Primary School Students in Turkey: Self-Reported Prevalence and Associations with Home and School Life. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(10), 527-533. doi:10.1089/cyber.2012.0207
- Barchia, K., & Bussey, K. (2010). The psychological impact of peer victimization: Exploring social-cognitive mediators of depression. *Journal of Adolescence*, 33(5), 615-623. doi:10.1016/j.adolescence.2009.12.002
- Breakwell, G. M., Hammond, S., Fife-Shaw, C., & Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: ArtMed.
- Buelga, S., Cava, M. J., & Musitu, G. (2010). Cyberbullying: Victimization entre adolescentes a través del teléfono móvil y de internet. *Psicothema*, 22(4), 784-789.
- Cassidy, W., Jackson, M., & Brown, K. N. (2009). Sticks and stones can break my bones, but how can pixels hurt me? Students' experiences with Cyber-Bullying. *School Psychology International*, 30(4), 383-402.
- Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação - Cetic. (2011). Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil. Recuperado em 11 de outubro de 2012 de <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>
- Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br. (2012). *TIC Kids Online Brasil*. Recuperado em 21 outubro de 2012 de <http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/index.htm>
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). *Resolução nº 016/2000, de 20 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos*. Brasília, DF: Autor.

- Conselho Nacional de Saúde. (1996). *Resolução do Ministério da Saúde do Brasil n° 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasília, DF: Autor.
- David-Ferdon, C., & Hertz, M. F. (2007). Electronic Media, Violence, and Adolescents: An Emerging Public Health Problem. *Journal of Adolescent Health, 41*(6), S1-S5. doi:10.1016/j.jadohealth.2007.08.020
- Estévez, A., Villardón, L., Calvete, E., Padilla, P., & Orue, I. (2010). Adolescent victims of cyberbullying: Prevalence and characteristics. *Behavioral Psychology, 18*(1), 73-89.
- Fox, C. L., & Boulton, M. J. (2005). The social skills problems of victims of bullying: self, peer and teacher perceptions. *British Journal of Educational Psychology, 75*(2), 313-328.
- Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y consecuencias del Cyberbullying: Una revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 11*(2), 233-254.
- Galambos, N. L., Berenbaum, S. A., & McHale, S. M. (2009). Gender development in adolescence. In R. M. Lerner & L. Steinberg (Eds.). *Handbook of Adolescent Psychology: Individual bases of Adolescent Development* (p. 305-357). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Gjersing, L., Caplehorn, J. R., & Clausen, T. (2010). Cross-cultural adaptation of research instruments: Language, setting, time and statistical considerations. *BMC Medical Research Methodology, 10*, 13. doi:10.1186/1471-2288-10-13
- Gradinger, P., Strohmeier, D., & Spiel, C. (2009). Traditional Bullying and Cyberbullying: Identification of Risk Groups for Adjustment Problems. *Zeitschrift für Psychologie / Journal of Psychology, 217*(4), 205-213.
- Graham, S., Bellmore, A., & Juvonen, J. (2003). Peer victimization in middle school: When self and peer views diverge. *Journal of Applied School Psychology, 19*, 117-138.
- Gross, E. (2004). Adolescent Internet Use: What we expect, what teens report. *Journal of Applied Developmental Psychology, 25*(6), 633-649. doi:10.1016/j.appdev.2004.09.005
- Hawker, D. S. J., & Boulton, M. J. (2000). Twenty Years' Research on Peer Victimization and Psychosocial Maladjustment: A Meta-analytic Review of Cross-sectional Studies.

- Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41(4), 441-455. doi:10.1111/1469-7610.00629
- Heim, J., Brandtzæg, P. B., Endestad, T., Kaare, B. H., & Torgersen, L. (2007). Children's Usage of Media Technologies and Psychosocial Factors. *New Media & Society*, 9(3), 425-54.
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2007). Offline consequences of Online Victimization: School Violence and Delinquency. *Journal of School Violence*, 6(3), 89-112. doi:10.1300/J202v06n03_06
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). Cyberbullying: An exploratory analysis of factors related to Offending and Victimization. *Deviant Behavior*, 29(2), 129-156. doi:10.1080/01639620701457816
- Hunt, C., Peters, L., & Rapee, R. M. (2012). Development of a measure of the experience of being bullied in youth. *Psychological Assessment*, 24(1), 156-165. doi:10.1037/a0025178
- Hutz, C. S., & Giacomoni, C. H. (2000). *Adaptação brasileira do Inventário de Depressão Infantil* (CDI). Manuscrito não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the School Grounds? Bullying Experiences in Cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), 496-505. doi:10.1111/j.1746-1561.2008.00335.x
- Kaiser Family Foundation (2010). *Generation M²: Media in the lives of 8-18-year-olds*. Recuperado em 11 de maio de 2012 de <http://www.kff.org/entmedia/upload/8010.pdf>
- Kiriakidis, S. P., & Kavoura, A. (2010). Cyberbullying: A review of the literature on harassment through the internet and other electronic means. *Family and Community Health*, 33(2), 82-93.
- Li, Q. (2008). A cross-cultural comparison of adolescents' experience related to Cyberbullying. *Educational Research*, 50(3), 223-234.

- Low, S., & Espelage, D. (no prelo). Differentiating Cyber Bullying Perpetration From Non-Physical Bullying: Commonalities Across Race, Individual, and Family Predictors. *Psychology of Violence*. doi:10.1037/a0030308
- Menesini, E., Nocentini, A., Palladino, B. E., Frisé, A., Berne, S., Ortega-Ruiz, R., Calmaestra, J., et al. (2012). Cyberbullying Definition Among Adolescents: A Comparison Across Six European Countries. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 15(9), 455-463. doi:10.1089/cyber.2012.0040
- Mitchell, K. J., Ybarra, M., & Finkelhor, D. (2007). The Relative Importance of Online Victimization in Understanding Depression, Delinquency, and Substance Use. *Child Maltreatment*, 12(4), 314-324. doi:10.1177/1077559507305996
- Olenik-Shemesh, D., Heiman, T., & Eden, S. (2012). Cyberbullying victimisation in Adolescence: Relationships with loneliness and depressive mood. *Emotional and Behavioural Difficulties*, 17(3-4), 361-374. doi:10.1080/13632752.2012.704227
- Perren, S., Dooley, J., Shaw, T., & Cross, D. (2010). Bullying in school and Cyberspace: Associations with Depressive symptoms in Swiss and Australian adolescents. *Child and Adolescent Psychiatry and Mental Health*, 4(28), 1-10. doi:10.1186/1753-2000-4-28
- Raskauskas, J., & Stoltz, A. D. (2007). Involvement in traditional and electronic bullying among adolescents. *Developmental Psychology*, 43(3), 564-575. doi:10.1037/0012-1649.43.3.564
- Shariff, S. (2011). *Ciberbullying, questões e soluções para a escola, a sala de aula e a família*. Porto Alegre: ArtMed.
- Slonje, R., & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49(2), 147-154.
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385. doi:10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x

- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on Cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior, 26*, 277-87.
- Topçu, Ç., & Erdur-Baker, Ö. (2010). The revised Cyber Bullying Inventory: Validity and Reliability Study. *World Conference on Psychology, Counseling and Guidance*, Antalya, Turkey.
- Topçu, Ç., Erdur-Baker, Ö., & Çapa-Aydin, Y. (2008). Examination of Cyberbullying experiences among Turkish students from different school types. *CyberPsychology & Behavior, 11*(6), 643-648.
- Twyman, K., Saylor, C., Taylor, L. A., & Comeaux, C. (2010). Comparing children and adolescents engaged in Cyberbullying to matched peers. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking, 13*(2), 195-199.
- Uhls, Y. T., Espinoza, G., Greenfield, P., Subrahmanyam, K., & Šmahel, D. (2011). Internet and other Interactive Media. In B. Brown & M. Prinstein (Eds.), *Encyclopedia of Adolescence* (pp. 160-168). San Diego: Academic Press.
- Wang, J., Nansel, T. R., & Iannotti, R. J. (2011). Cyber and Traditional Bullying: Differential Association With Depression. *The Journal of Adolescent Health, 48*(4), 415-417.
- Wathier, J. J., Dell'Aglio, D. D., & Bandeira, D. R. (2008). Análise fatorial do Inventário de Depressão Infantil (CDI) em amostra de jovens brasileiros. *Avaliação Psicológica, 7*(1), 75-84.
- Wendt, G. W., Campos, D. M., & Lisboa, C. (2012). Discutindo o processo de bullying a partir de uma perspectiva dos estudos de gênero. In V. G. Dornelles & C. M. Sayago (Eds.), *Bullying: Avaliação e Intervenção em Terapia Cognitivo Comportamental* (pp. 97-112). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Willard, N. W. (2007). Educator's guide to Cyberbullying and Cyberthreats. Recuperado em 14 de outubro de 2011 de <http://csriu.org/cyberbully/docs/cyberbullyingcteducator.pdf>
- Williams, K. R., & Guerra, N. G. (2007). Prevalence and Predictors of Internet Bullying. *Journal of Adolescent Health, 41*, S14-S21.

- WiredSafety*. (2007). *A Parent's Guide to Cyberbullying*. Recuperado em 12 de outubro de 2012 de https://www.wiredsafety.org/toolkitmedia/files/file/Parent_s_Articles/A_Parent_s_Guide_to_Cyberbullying_-_Extended.pdf
- Ybarra, M. L. (2004). Linkages between depressive symptomatology and internet harassment among young regular internet users. *CyberPsychology and Behavior*, 7, 247-257.
- Zou, K. H., Tuncali, K. M., & Silverman, S. G. (2003). Correlation and Simple Linear Regression. *Radiology*, 227, 617-628.

4. Considerações finais da dissertação

No contexto atual, é praticamente impensável conceber a realização das mais variadas atividades, sejam estas com propósitos profissionais, de lazer ou mesmo educacionais sem o auxílio da internet. A rede mundial de computadores tem se popularizado em ritmo crescente, revelando um universo de possibilidades aos usuários, quem podem ser tanto positivas como negativas (Uhls et al., 2011). Essas transformações se expressam também na maneira dos indivíduos interagirem com o mundo e de se comunicarem com seus pares, sendo verificadas em praticamente todas as regiões do planeta (Bargh & McKenna, 2004; Palfrey & Gasser, 2011).

Diferentemente da comunicação que ocorre face a face, aquela que é mediada por computadores, telefones celulares e demais dispositivos permite ao sujeito estabelecer determinado “controle” sobre a mensagem transmitida. Ou seja, os recursos tecnológicos possibilitam o uso de ferramentas como “editar”, “copiar”, “colar”, “encaminhar”, “compartilhar”, dentre outros, alterando consideravelmente a concepção sócio-cognitiva relacionada à interatividade e, conseqüentemente, os comportamentos (Mantovani & Spagnolli, 2000). Essa perspectiva entende que o contexto da virtualidade é cambiante e continuamente ressignificado pelos agentes, à luz de modelos culturais vigentes durante um limitado período de tempo.

Neste contexto atual e de constantes transformações, no que tange à manifestação da agressividade no espaço virtual, sabe-se que esta pode assumir proporções mais graves que a violência em contextos não digitais. Ou seja, o indivíduo pode sentir-se menos inibido ao se expressar e se comportar na *web*, mostrando-se, assim, menos empático e este comportamento ou atitude pode reforçar atos agressivos (Smith, 2012). Relacionado diretamente a aspectos como virtualidade, senso de controle, empatia e inibição, o *cyberbullying* associa-se proporcionalmente com o incremento do uso de TIC's pelos indivíduos, destacando-se na agenda científica internacional. O fato de ocorrer muitas vezes paralelamente à vitimização em outros contextos, como na escola ou outros espaços de interação face a face, faz com que o fenômeno adquira importância nos estudos no campo da Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Clínica, assim como para a área Educacional (Sumter, Baumgartner, Valkenburg, & Peter, 2012). Além disto, seus possíveis impactos negativos e o ainda parcial desconhecimento de todas suas especificidades também preocupa

desde psicólogos clínicos até profissionais que trabalham em escolas, além de gestores de diversos segmentos.

As associações do processo de *cyberbullying* com problemas emocionais, como a ansiedade e depressão, bem como com déficits acadêmicos, interpessoais e psicossomáticos, sustentam a indiscutível urgência do estudo e desenvolvimento de intervenções sobre o tema na contemporaneidade. Por consequência, a proteção dos grupos em situações possivelmente mais vulneráveis inicia com a identificação dos fatores de risco e proteção frente à vitimização *online* (Garaigordobil, 2011). Além disso, é relevante também compreender os aspectos que sustentam ou facilitam a expressão também da agressividade em contextos virtuais. Com isso, busca-se compreender quais esforços podem ser direcionados para o manejo de situações críticas e também para o fortalecimento de aspectos que possam atuar como atenuantes ou protetivos atenuando os riscos que o uso inadequado das TIC's pode gerar. Nesse sentido, a presente dissertação buscou contribuir no avanço do conhecimento acerca desta temática no país, corroborando investigações internacionais prévias e fornecendo dados interessantes sobre o uso de TIC's e envolvimento no *cyberbullying* por parte de adolescentes brasileiros. O estudo também revelou que a ocorrência do *cyberbullying* é elevada na amostra investigada, com percentuais próximos aos verificados em países desenvolvidos, como os Estados Unidos. Tal proximidade entre os achados pode ser problematizada sob diversas perspectivas. Inicialmente, parece pertinente destacar que o Brasil é uma nação notadamente reconhecida por adesão expressiva ao uso de TIC's, especialmente entre os mais jovens (Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação, 2011). Do mesmo modo, aspectos culturais específicos podem explicar parte dos achados acerca da alta prevalência do fenômeno entre adolescentes brasileiros, pois formas diversas de violência podem ser reproduções da vida e do contexto social do país (Malta et al., 2010).

Outros estudos devem ser desenvolvidos, considerando uma perspectiva bioecológica, ou seja, trazendo para a discussão outros contextos que se correlacionam, que mantêm ou inibem a conduta agressiva *online*. Investigações de cunho qualitativo também podem contribuir expressivamente no avanço do conhecimento sobre as relações entre jovens e TIC's, inclusive com o objetivo de compreender em profundidade as concepções de crianças e adolescentes no que tange à aspectos intrínsecos e extrínsecos relativos à tecnologia e seus usos.

Convém salientar e reforçar a importância dos instrumentos de mensuração do *cyberbullying*. Logo, é preciso desenvolver, adaptar e validar, no país, instrumentos sensíveis para identificação das distintas nuances que perpassam o *bullying* virtual, considerando as especificidades culturais do Brasil. Ademais, é preciso psicoeducar a comunidade em geral de que, assim como a agressão entre pares que ocorre nos espaços escolares (*bullying*), aquela que tem no espaço virtual seu contexto também traz consequências potencialmente danosas ao processo de desenvolvimento. São necessárias intervenções clínicas, assim como trabalhos em nível de sustentação de políticas públicas. O cenário virtual, digital e contemporâneo com novas formas de violência desafia o campo educacional e também demanda um redirecionamento de práticas na área da Psicologia Clínica.

4.1 Referências

- Bargh, J. A., & McKenna, K. Y. A. (2004). The Internet and Social Life. *Annual Review of Psychology*, 55(1), 573-590. doi:10.1146/annurev.psych.55.090902.141922
- Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação - Cetic. (2011). Pesquisa sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação no Brasil. Recuperado em 11 outubro de 2012 de <http://op.ceptro.br/cgi-bin/cetic/tic-domicilios-e-empresas-2011.pdf>
- Garaigordobil, M. (2011). Prevalencia y Consecuencias del Cyberbullying: una Revisión. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 11(2), 233-254.
- Malta, D. C., Silva, M., Mello, F. C., Monteiro, R. A., Sardinha, L. M, Crespo, C., et al. (2010). Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Ciência & Saúde Coletiva*, 15(2), 3065-3076.
- Mantovani, G., & Spagnolli, A. (2000). Imagination and Culture: What is it like being in the Cyberspace? *Mind, Culture & Activity*, 7, 217-226.
- Palfrey, J., & Gasser, U. (2011). *Nascidos na Era Digital: Entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: ArtMed.
- Smith, P. K. (2012). Cyberbullying and Cyber Aggression. In S. R. Jimerson, A. B. Nickerson, M. J. Mayer, & M. J. Furlong (Eds.), *Handbook of School Violence and School Safety: International Research and Practice* (pp. 93-103). New York: Routledge.
- Sumter, S. R., Baumgartner, S. E., Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2012). Developmental Trajectories of Peer Victimization: Off-line and Online Experiences During Adolescence. *Journal of Adolescent Health*, 50(6), 607-613. doi:10.1016/j.jadohealth.2011.10.251
- Uhls, Y. T., Espinoza, G., Greenfield, P., Subrahmanyam, K., & Šmahel, D. (2011). Internet and other Interactive Media. In B. Brown & M. Prinstein (Eds.), *Encyclopedia of Adolescence* (pp. 160-168). San Diego: Academic Press.

ANEXOS

ANEXO A

Questionário biossociodemográfico

- 1) **Nome:** _____ 2) **Idade:** _____ anos
- 3) **Sexo:** () Feminino () Masculino
- 4) **Anos de escolaridade:** _____ anos
- 5) **Série:** _____ 6) **Escola:** _____
- 7) Você utilizou a internet, enviou ou recebeu e-mail nos últimos **seis meses**? () sim () não
- 8) Você mora atualmente () com meus pais () com parentes () instituição () outro
- 9) Você possui irmãos? () sim () não Se você marcou sim, quantos irmãos você tem? ____
- 10) Qual a idade de sua mãe? _____ anos
- 11) Qual a profissão da sua mãe? _____
- 12) Qual a escolaridade de sua mãe? () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Nenhuma
- 13) Qual a idade de seu pai? _____ anos
- 14) Qual a profissão de seu pai? _____
- 15) Qual a escolaridade de de seu pai? () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Nenhuma
- 16) **Você possui computador em casa?** () sim () não Se você marcou sim, quantos computadores você tem em casa? ____
- 17) **Você possui um computador somente seu?** () sim () não
- 18) **Você possui um aparelho celular somente seu?** () sim () não
- 19) **Você acessa a internet:**
() Todos os dias () Até 2 vezes por semana () De 3 a 5 vezes por semana () Não acesso
- 20) **Você acessa a internet na escola?** () sim () não
- 21) **Quantas horas você passa por semana, em média, utilizando o computador?** _____ horas
- 22) **Quantas horas você passa por semana, em média, utilizando a internet?** _____ horas
- 23) **Onde você tem mais probabilidade de usar a internet?** (marque todas as opções que se aplicam)
- eu não uso a internet
 - No meu quarto
 - Do meu telefone celular
 - Em casa, fora do meu quarto
 - Na escola

- Na casa de um amigo
- No trabalho
- Em uma biblioteca
- Lan house
- Na casa de um parente
- Outros (especifique) _____

24) Quais atividades que você mais realiza através da internet? (marque todas as opções que se aplicam)

- eu não uso a internet
- para navegar na internet (visitar sites)
- salas de chat
- Para enviar e receber e-mail
- Conversas instantâneas, como MSN Messenger / AOL / Yahoo Messenger / ICQ
- Trabalhos da escola
- Download de músicas, filmes ou programas
- Jogos *online*
- Compras *online*
- Redes sociais
- Outros (especifique) _____

25) Como você classificaria a sua habilidade em usar computadores?

- Nunca usei computador
- Não é muito boa
- Satisfatória
- Excelente

26) Você possui atualmente ou já teve alguma conta em um site de relacionamento social, como Facebook, Twitter ou Fotolog?

- Sim
- Não

27) Já conheceu pessoalmente alguém que você tenha iniciado a conversa pela internet?

- Sim
- Não

28) Seus pais estabelecem regras claras e/ou limitam o tempo que você passa navegando na internet?

- Sim, sempre
- Sim, às vezes
- Nunca

29) Seus pais monitoram as páginas que você visita e o conteúdo que você visualiza?

- Sim, sempre
- Sim, às vezes
- Nunca

30) Seus pais te orientam, fornecendo conselhos e discutindo sobre uso seguro da internet?

- Sim, sempre
- Sim, às vezes
- Nunca

14) Published online an embarrassing photo without a permission								
---	--	--	--	--	--	--	--	--

14) Roubo de informações pessoais do computador (como arquivos, endereços de e-mail, fotos, mensagens instantâneas, ou informações do Facebook)								
---	--	--	--	--	--	--	--	--

Anexo D

Inventário de Depressão Infantil - CDI

Por favor, responda aos itens assinalando com um “X” a opção que você julga ser a mais apropriada. Nenhuma opção é certa ou errada. Depende realmente de como você se sente, do que você realmente acha.

Veja o seguinte exemplo:

- 00 - Eu sempre vou ao cinema
 Eu vou ao cinema de vez em quando
 Eu nunca vou ao cinema

Se você vai muito ao cinema, deve marcar com um “X” a primeira alternativa. Se você vai ao cinema de vez em quando, deve marcar a segunda alternativa. Se é muito raro você ir ao cinema, marque a terceira alternativa. **Marque só uma alternativa em cada questão.** Se você tem alguma dúvida, pergunte agora. Caso contrário, comece a responder.

Seja sincero(a) nas suas respostas e não deixe nenhuma questão em branco!

- 1) Eu fico triste de vez em quando
 Eu fico triste muitas vezes
 Eu estou sempre triste
- 2) Para mim tudo se resolverá bem
 Eu não tenho certeza se as coisas darão certo para mim
 Nada vai dar certo para mim
- 3) Eu faço bem a maioria das coisas
 Eu faço errado a maioria das coisas
 Eu faço tudo errado
- 4) Eu me divirto com muitas coisas
 Eu me divirto com algumas coisas
 Nada é divertido para mim

- 5) () Eu sou mau (má) de vez em quando
() Eu sou mau (má) com frequência
() Eu sou sempre mau (má)
- 6) () De vez em quando eu penso que coisas ruins vão me acontecer
() Eu temo que coisas ruins me aconteçam
() Eu tenho certeza que coisas terríveis me acontecerão
- 7) () Eu gosto de mim mesmo
() Eu não gosto muito de mim
() Eu me odeio
- 8) () Normalmente, eu não me sinto culpado pelas coisas ruins que acontecem
() Muitas coisas ruins que acontecem são por minha culpa
() Tudo de mau que acontece é por minha culpa
- 9) () Eu não penso em me matar
() Eu penso em me matar
() Eu quero me matar
- 10) () Eu sinto vontade de chorar de vez em quando
() Eu sinto vontade de chorar frequentemente
() Eu sinto vontade de chorar diariamente
- 11) () Eu me sinto preocupado de vez em quando
() Eu me sinto preocupado frequentemente
() Eu me sinto sempre preocupado
- 12) () Eu gosto de estar com pessoas
() Frequentemente, eu não gosto de estar com pessoas
() Eu não gosto de estar com pessoas

- 13) () Eu tomo decisões facilmente
() É difícil para mim tomar decisões
() Eu não consigo tomar decisões
- 14) () Eu tenho boa aparência
() Minha aparência tem alguns aspectos negativos
() Eu sou feio (feia)
- 15) () Fazer os deveres de casa não é um grande problema para mim
() Com frequência eu tenho que ser pressionado para fazer os deveres de casa
() Eu tenho que me obrigar a fazer os deveres de casa
- 16) () Eu durmo bem à noite
() Eu tenho dificuldade para dormir algumas noites
() Eu tenho sempre dificuldades para dormir à noite
- 17) () Eu me canso de vez em quando
() Eu me canso frequentemente
() Eu estou sempre cansado (cansada)
- 18) () Eu como bem
() Alguns dias eu não tenho vontade de comer
() Quase sempre eu não tenho vontade de comer
- 19) () Eu não temo sentir dor nem adoecer
() Eu temo sentir dor e ficar doente
() Eu estou sempre temeroso de sentir dor e ficar doente
- 20) () Eu não me sinto sozinho (sozinha)
() Eu me sinto sozinho (a) muitas vezes
() Eu sempre me sinto sozinho (sozinha)

- 21) () Eu me divirto na escola frequentemente
() Eu me divirto na escola de vez em quando
() Eu nunca me divirto na escola
- 22) () Eu tenho muitos amigos
() Eu tenho muitos amigos e gostaria de ter mais
() Eu não tenho amigos
- 23) () Meus trabalhos escolares são bons
() Meus trabalhos escolares não são tão bons como eram antes
() Eu tenho me saído mal em matérias em que costumava ser bom (boa)
- 24) () Sou tão bom quanto outras crianças
() Se eu quiser, posso ser tão bom quanto outras crianças
() Não posso ser tão bom quanto outras crianças
- 25) () Eu tenho certeza que sou amado(a) por alguém
() Eu não tenho certeza se alguém me ama
() Ninguém gosta de mim realmente
- 26) () Eu sempre faço o que me mandam
() Eu não faço o que me mandam com frequência
() Eu nunca faço o que me mandam
- 27) () Eu não me envolvo em brigas
() Eu me envolvo em brigas com frequência
() Eu estou sempre me envolvendo em brigas

Anexo E



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG)
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão março/2008

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA RESOLUÇÃO 181/2011

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 11/184 **Versão do Projeto:** 19/12/2011 **Versão do TCLE:** 19/12/2011

Coordenador:


Mestrando Guilherme Welter Wendt (PPG em Psicologia)

Título: CYBERBULLYING entre adolescentes: relações com sintomas depressivos e práticas parentais.

Parecer: O projeto foi **APROVADO**, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

O pesquisador deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 19 de dezembro de 2011.


Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

Anexo F

Carta de Anuência

Prezado(a)Sr(a). _____ Diretor(a) da Escola _____, estamos realizando uma pesquisa intitulada “Relações entre pares no ambiente virtual”, cujo projeto encontra-se em anexo, gostaríamos de solicitar a autorização para a coleta de dados em sua instituição. Informamos que não haverá custos para a instituição e, na medida do possível, não iremos interferir na operacionalização e/ou atividades cotidianas da mesma. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição para execução de qualquer estudo envolvendo seres humanos em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Como contrapartida, os docentes dessa instituição receberão uma capacitação para o enfrentamento do *bullying* virtual e, também, em relação ao uso das tecnologias digitais e suas implicações para a educação e o desenvolvimento psicossocial na adolescência. Agradecemos antecipadamente seu apoio e compreensão, uma vez que os resultados do estudo contribuirão para o debate conjunto entre a equipe de professores e pais, de modo a promover uma aproximação entre o projeto político pedagógico da escola e as demandas decorrentes das transformações observadas na atualidade.

São Leopoldo, ___ de _____ de ____.

Assinaturas

Pesquisador/Responsável pelo estudo

Diretor da instituição

Anexo G



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado(a) pai(mãe) e/ou responsável,

Meu nome é Guilherme Wendt, sou mestrando em Psicologia pela Unisinos e venho por meio deste apresentar o projeto de pesquisa intitulado “Relações entre pares no ambiente virtual”, que está sendo desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Unisinos, sob orientação da Professora Carolina Lisboa. Este estudo pretende investigar alguns aspectos sobre o uso da tecnologia por adolescentes com idades entre 13 e 17 anos.

Peço a sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe da pesquisa, respondendo a um questionário em sala de aula, que conta com perguntas sobre o uso da tecnologia e de interação no ambiente virtual. Como contrapartida, os pais e os professores das escolas receberão, após a análise dos resultados, uma capacitação para o uso seguro da tecnologia por parte dos adolescentes.

Para autorizar a participação de seu(sua) filho(a), você precisa assinar duas vias deste documento, uma que ficará comigo e outra que ficará com você. Gostaria de salientar que a participação dos adolescentes é voluntária e há também espaço neste documento para a assinatura do seu(sua) filho(a). Será fornecido informações a ele(a) sobre o estudo, sendo que poderão pedir para se retirar da pesquisa a qualquer momento. Em caso de qualquer desconforto relacionado à pesquisa, a equipe de pesquisadores irá realizar o adequado encaminhamento. Ressaltamos ainda que os dados serão utilizados apenas com a finalidade de pesquisa e, na divulgação dos resultados do trabalho, será mantida a confidencialidade das informações e preservada a identidade dos envolvidos. Informações poderão ser obtidas comigo, através dos telefones (51) 3352 6974 ou 8207 6700 ou do e-mail guilhermewwendt@gmail.com

Eu _____ (nome do responsável), responsável por _____ (nome do filho ou dependente) declaro que fui informado dos objetivos e finalidades do estudo em questão e autorizo meu filho (ou dependente) a participar do estudo.

São Leopoldo, ____ de _____ de 2012.

Assinatura do responsável

Assinatura do participante do estudo

Assinatura do pesquisador

CEP - UNISINOS
VERSÃO APROVADA
Em: 21 / 12 / 11
.....
.....
.....